



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – *CAMPUS V*
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



VALMIRA DOS SANTOS ALMEIDA

**LITERATURA DE CORDEL: DESENVOLVENDO A LEITURA E A
ESCRITA CRIATIVA NA ESCOLA**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA
2021**

VALMIRA DOS SANTOS ALMEIDA

**LITERATURA DE CORDEL: DESENVOLVENDO A LEITURA E A
ESCRITA CRIATIVA NA ESCOLA**

Dissertação de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS do Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo.

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

A4471

Almeida, Valmira dos Santos

Literatura de Cordel: desenvolvendo a leitura e a escrita criativa na escola / Valmira dos Santos
Almeida. – Santo Antônio de Jesus, 2021.

85 fl.: il.

Orientadora: Prof^a Dr^a Priscila Peixinho Fiorindo.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – (PROFLETRAS) Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras –
(PROFLETRAS), *Campus V*. 2021.

Inclui Referências e Anexos

1. Letramento Literário. 2. Literatura de cordel. 3. Ensino - leitura e escrita. I. Fiorindo, Priscila Peixinho. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD 890

VALMIRA DOS SANTOS ALMEIDA

**LITERATURA DE CORDEL: DESENVOLVENDO A LEITURA E A ESCRITA
CRIATIVA NA ESCOLA**

Dissertação de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS do Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

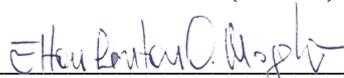
Aprovado pela banca examinadora em: 30 /03 /2021.



**Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo
Orientadora (UNEB)**



**Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto
Membro Titular (UNEB)**



**Prof. Me. Elton Linton Oliveira Magalhães
Membro Titular (IF BAIANO)**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA
2021**

Dedico este trabalho a minha irmã e a todos os profissionais de ensino que, diante das dificuldades, não se cansam da busca por levar algo melhor para seus alunos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo sustento da vida, o qual me possibilitou trilhar mais essa jornada de aprendizado e relações interpessoais tão significativas em minha vida;

A minha família, meu apoio, sempre me motivando e fazendo-me especial;

À Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo pela orientação na produção deste trabalho;

Aos meus colegas professores da turma 6 do PROFLETRAS-UNEB, *Campus V*, pelo apoio, pela colaboração, pelo respeito e pela amizade;

As minhas colegas, professoras Priscila Sodré, Jic lia Xavier e Simone Brito pelas valiosas contribui es;

Aos meus colegas professores da Escola Municipal do Areal pelo apoio e pelos conhecimentos compartilhados;

Aos professores João Neto e Elton Magalhães pelos direcionamentos e incentivo na etapa de qualifica o;

Aos professores do PROFLETRAS pelos ricos momentos de troca e conhecimento;

A todos/as aqueles/as que me incentivaram a seguir em frente, que me apoiaram nos momentos difíceis.

OBRIGADA!

RESUMO

Atualmente a escola enfrenta muitos desafios em sua atuação social quanto instituição de ensino, o que acarreta baixos índices de aprendizagem dos alunos. Nessa perspectiva, acreditamos que pela interação entre professor e aluno é possível vencer alguns obstáculos relacionados à aprendizagem. Diante disso, elaboramos a proposta de intervenção pedagógica “Literatura de cordel: desenvolvendo a leitura e a escrita criativa na escola”, destinada à turma do 8º ano do Ensino Fundamental, considerando o contexto real dos aprendizes que fazem parte do município de Valença – BA, localizado na região nordeste do Brasil. Para esta proposta selecionamos textos em cordel, com objetivo de desenvolver a habilidade leitora e escrita dos alunos, e, paralelamente, no processo da produção, possibilitar o desenvolvimento da criatividade, levando em conta o potencial que cada sujeito aprendiz tem quando estimulado de forma lúdica. Ao compor a proposta, buscamos fundamentos teóricos em autores que dialogam sobre a importância da leitura e da escrita para o desenvolvimento social, dentre eles destacamos Leffa (1996), Antunes (2002) e Fiorindo (2015). Enfatizamos, também, a relação professor-aluno para uma boa aprendizagem com base em Alves (2018) e Rogers (2009), dentre outros autores; sobre a literatura de cordel, nos apoiamos em Abreu (1999), Haurélio (2010/2013), Luciano (2012), e Marinho e Pinheiro (2012). A proposta traz uma sequência didática dividida em 10 etapas, distribuídas em 4 horas/aulas cada, com sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas de forma individual e/ou em grupo, colocando os alunos em contato direto com o cordel, de forma dinâmica e prática. Com isso, nos direcionamos pelo conceito de sequência didática segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), assim, cada etapa fornecerá aos alunos elementos para que possam se aventurar na composição de seus próprios versos de cordel, apropriando-se cada vez mais da habilidade escrita.

Palavras-chave: leitura, escrita, literatura de cordel, criatividade.

RESUMEN

Actualmente la escuela se enfrenta a muchos desafíos en su desempeño social como institución educativa, lo que implica bajos niveles de aprendizaje de los estudiantes. En esta perspectiva, creemos que por la interacción entre el maestro y el estudiante es posible superar algunos obstáculos relacionados con el aprendizaje. Por ello, preparamos la propuesta de intervención pedagógica “Literatura de cordel: desarrollo de la lectura y la escritura creativa en la escuela”, dirigida a la clase del 8° grado de la escuela primaria, considerando el contexto real de los aprendices que forman parte del municipio de Valença - BA, ubicado en la región noreste de Brasil. Para esta propuesta seleccionamos textos en cordel, con el fin de desarrollar las habilidades de lectura y escritura de los estudiantes, y, en paralelo, en el proceso de producción, permite el desarrollo de la creatividad, teniendo en cuenta el potencial que tiene cada sujeto aprendiz cuando se estimula de forma lúdica. Al redactar la propuesta, buscamos fundamentos teóricos en autores que discutan la importancia de la lectura y la escritura para el desarrollo social, entre los que destacamos a Leffa (1996), Antunes (2002) y Fiorindo (2015). También enfatizamos la relación profesor-alumno para el buen aprendizaje con base en Alves (2018) y Rogers (2009), entre otros autores; sobre la literatura de cordel nos apoyamos en Abreu (1999), Haurélio (2010/2013), Luciano (2012) y Marinho y Pinheiro (2012). La propuesta cuenta con una secuencia didáctica dividida en 10 etapas, distribuidas en 4 horas/clases cada una, con sugerencias de actividades que se pueden desarrollar de forma individual y/o en grupo, poniendo a los alumnos en contacto directo con lo cordel, en una dinámica y práctica. Con esto, nos guiamos por el concepto de secuencia didáctica según Dolz, Noverraz y Schneuwly (2004), así, cada paso proporcionará a los estudiantes elementos para que se aventure en la composición de sus propios versos de cordel, apropiándose cada vez más de sus habilidades de escritura.

Palabras clave: lectura, escritura, literatura de cordel, creatividad.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – Tabela IDEB resultados 2005- 2019.....	20
Imagem 2 – Capa do livro <i>A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora</i>	28
Imagem 3 – Xilogravura – J. Borges.....	34
Imagem 4 – Infogravura – Arievaldo Viana.....	34
Imagem 5 – Isogravura – Renata Nunes.....	35
Imagem 6 – Capa cega.....	36
Imagem 7 – Capa com recortes de imagens.....	36
Imagem 8 – Capa com xilogravura.....	37
Imagem 9 – Capa colorida.....	37
Imagem 10 – Capa do cordel <i>A cigarra e a formiga</i>	39
Imagem 11 – Capa do cordel <i>Chapeuzinho vermelho</i>	40
Imagem 12 – Ilustração do cordel <i>A donzela das tranças de mel</i>	43
Imagem 13 – Capa do livro <i>Sala de versos e rimas</i>	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 LITERATURA DE CORDEL E ENSINO.....	17
1.1 DESAFIOS E APRENDIZAGEM AFETIVA-EFETIVA NA ESCOLA.....	17
1.2 CONTEXTUALIZANDO LEITURA E ESCRITA.....	21
1.2.1 A habilidade da leitura.....	21
1.2.2 A prática da escrita.....	24
1.3 CORDEL: LITERATURA BRASILEIRA.....	26
1.3.1 Xilogravura, Infogravura e Isogravura.....	33
1.3.2 Das capas cegas à digitalização.....	35
1.3.3 Repente X cordel.....	38
1.4 ESTATÉGIA DE PRODUÇÃO EM CORDEL.....	41
2 CORDELIZANDO IDEIAS NA ESCOLA.....	46
2.1 SELEÇÃO DOS MATERIAIS.....	46
2.2 ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	47
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62
ANEXO A – Viagem a São Saruê.....	66
ANEXO B – Redes sociais.....	69
ANEXO C – A Lei Maria da Penha em cordel.....	71
ANEXO D – A peleja da covardia com a senhora educação.....	74
ANEXO E – Uma violência chamada <i>bullying</i>.....	76
ANEXO F – A peleja do aluno preguiçoso com o estudioso.....	78
ANEXO G – Metrificação do cordel.....	81
ANEXO H – Parecer consubstanciado do CEP.....	82

INTRODUÇÃO

“Ninguém nasce educador ou é marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.
(Paulo Freire)

Minha jornada docente começou ainda durante o Ensino Médio quando, cursando magistério, pude vivenciar “os dois lados da moeda” dentro de uma sala de aula – como aluna e professora – dando meus primeiros passos na profissão em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que fazia parte do extinto programa “AJA¹ BAHIA”, uma iniciativa que contava com estudantes do magistério para alfabetizar adultos. Foi uma experiência muito significativa para a minha formação profissional. Nessa experiência pude ficar mais próxima de meus professores e trocar informações sobre a função docente. Ao concluir o Ensino Médio também deixei o trabalho com a EJA, seguindo para os anos iniciais do Ensino Fundamental, mas algo me incomodava, sentia falta da interação que tinha com os alunos maiores. Então voltei a lecionar nas turmas de Educação de Jovens e Adultos e, paralelamente, em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental.

Como professora, meu foco é ajudar os alunos nas suas necessidades educacionais da melhor forma possível. Isso sempre me motivou a buscar uma formação para conhecer meios de oferecer uma educação de qualidade aos discentes, pois sempre vi a formação docente como algo importante na prática escolar. E foi com esse pensamento que procurei por um curso de graduação. Minha formação em Letras ocorreu através do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XV*. Foi uma grande oportunidade, uma vez que em 20 anos de educação municipal, estou mais da metade lecionando a disciplina de Língua Portuguesa. Busquei me aperfeiçoar para que pudesse oferecer mais aos meus alunos, mesmo diante de situações desfavoráveis, em que não podemos contar com o básico, como, por exemplo, uma biblioteca escolar.

Nessa perspectiva, ter ingressado no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na UNEB, *Campus V*, em Santo Antônio de Jesus, BA, foi uma conquista maravilhosa, pois sempre pensei em fazer uma pós-graduação *stricto sensu*, mas não queria qualquer mestrado, teria que ser na área de minha formação. Logo, meu primeiro pensamento

1 O Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos tinha por objetivo garantir às pessoas não alfabetizadas o acesso a alfabetização e a continuidade dos estudos em turmas regulares da rede pública.

sobre a proposta de intervenção foi realizar um trabalho envolvendo leitura, algo que fosse além da decodificação que pudesse auxiliar meus alunos a irem além do lido, relacionando seus conhecimentos prévios com as informações presentes no texto.

A leitura faz parte da sociedade, disso todos nós sabemos, e por meio dela é possível alcançar o conhecimento e aguçar a curiosidade, e foi assim que descobri os textos e histórias ainda na infância. Minha preferência era pelos quadrinhos e por livros com ilustrações. Amava aqueles livros que continham um orifício onde se podia colocar o dedo e me tornava um dos personagens da história e, dessa forma, fui descobrindo os livros pela curiosidade. Em frente a minha casa havia uma praça e uma creche. Entre uma brincadeira e outra na praça, ficava atenta à espera do término da aula, pois era o momento em que o portão se abria e eu podia entrar e ir para o meu local preferido “a sala dos livros” como eu a denominei. Ficava ali até o último aluno ir para casa. Folheava os livros, me distraía com seus desenhos e ficava imaginando as histórias e interferindo nas narrativas inventadas pelos meus companheiros de leitura, meus irmãos mais novos e outros alunos da creche que estavam à espera dos seus responsáveis.

Por muito tempo não soube o que era uma biblioteca. Para mim não importava nomenclatura, o que eu conhecia era a sala dos livros, onde passava o tempo olhando os desenhos e imaginando histórias. Eram tantos livros infantis, a maioria tendo bichos como personagens. Neste tempo, ainda não estudava por falta de vagas, não se tinha tantas disponíveis como hoje. Ficava ansiosa para frequentar a escola, tanto que saía atrás da minha irmã para ir com ela, e chorava quando me diziam que eu não podia.

Quando comecei a cursar a alfabetização já conhecia a maioria das letras do alfabeto, pois, brincar de escolinha com meus irmãos era uma das formas de nos divertirmos. Minha irmã mais velha era a professora, o carvão era o giz e as paredes os cadernos. Somos um total de seis irmãos, brincávamos muito e, à noite, costumávamos nos distrair contando e ouvindo histórias. Minha irmã adorava nos contar histórias, sendo algumas conhecidas e outras inventadas por ela; suas preferidas eram as narrativas de terror, a fim de nos amedrontar. Meu pai também adorava nos contar causos, que até hoje não sei se são verídicos. Eram momentos divertidos e de grande interação familiar.

Antes de começar a estudar, pensei que ficaria em contato com os livros, em sala de aula, por um bom tempo, porém, para minha frustração, só os via nas mãos da professora que, a cada dia, lia uma história para a turma. Não podíamos pegar nos livros, mas, para minha sorte, morar em frente à creche tinha suas vantagens. Não tive muita dificuldade em aprender a ler e lia tudo o que via pela frente. Na segunda série já lia e escrevia quase que

perfeitamente, a professora sempre elogiava minha leitura e escrita, só não tinha o mesmo talento para gravar regras e fórmulas.

Tive meu primeiro contato com uma biblioteca quando fui para o “ginásio”, que hoje é a segunda etapa do Ensino Fundamental, o colégio ficava do lado da Biblioteca Municipal e assim comecei a frequentar este espaço. Era uma “sala dos livros” mais ampla e bem-organizada, onde me “espalharia” à vontade. Lembro que “As meninas exemplares” de Condessa de Ségur (198-?) foi o primeiro livro que comecei a ler naquele espaço. Toda sexta-feira ao sair da escola corria para a biblioteca para entregar e pegar o próximo livro. Lia-os todos em tempo recorde, por ano renovava meu cartão 3 ou 4 vezes. Por ir à biblioteca apenas ao término das aulas, não tinha muito tempo para explorá-la, por isso, quando tinha trabalho em grupo, combinava com minhas colegas para fazermos lá, assim teria mais tempo para explorar os livros após o dever. A bibliotecária me mostrava os livros de literatura infantil, mas logo me interessei pelos poemas e mais tarde pelos romances policiais, as histórias de terror, os suspenses (meus preferidos ainda hoje), as aventuras, e outros tantos gêneros. Os poemas me motivaram a criar meus próprios versos, que escrevia em um caderno que reservei para esse fim, infelizmente os cadernos não duram para sempre, deste modo estão, hoje, perdidos ao longo do tempo.

Do período que frequentei a Biblioteca Municipal, lembro como eram poucos os jovens que, como eu, buscavam livros para realizar leitura. A maioria chegava para fazer alguma pesquisa e logo ia embora. Com o passar do tempo minhas visitas à biblioteca passaram a ser mais raras, no entanto, distanciar-me da biblioteca, não atrapalhou minhas leituras, sempre estava lendo alguma coisa. Lia os livros e revistinhas em quadrinhos dos meus colegas e amigos ou ganhava-os como ganhava outras coisas que nos eram doadas. Na infância e ainda na adolescência, nunca pude comprar meus próprios livros ou revistas, mas confesso que nesta época lia muito mais que hoje; talvez pelo tempo livre que tinha. Minhas leituras, hoje, são mais pedagógicas, mas sempre busco tempo para ler com antecedência os livros que costumo indicar a meus alunos e aproveito alguns breves momentos para as histórias que gosto, como eu mesma costumo dizer “preciso descansar minha mente”. Assim, alterno entre ler e assistir a um bom filme.

Na escola, em que trabalho atualmente, não há uma biblioteca, mas sempre apresento algum livro aos alunos e peço que levem para a escola algo que estejam lendo, porém, são poucos os que têm esse hábito leitor. Mas isso não é uma situação que ocorre por falta de biblioteca. Já trabalhei em escola com biblioteca e o cenário não era diferente, infelizmente os alunos não costumavam frequentar este local, geralmente quando apareciam por lá era sempre

em busca de livros para realizar algum trabalho, não tinham uma preferência pela leitura das obras literárias, ficando várias histórias maravilhosas despercebidas pelos colegas. Não existia neles a curiosidade leitora que eu tinha em minha infância e adolescência o que me faz pensar que os estudantes, hoje, são praticamente forçados a ler, especialmente, quando cobrados pelos professores e isso tem um fator bastante negativo, pois a leitura tem o dom de influenciar apenas quando é realizada por vontade.

Diante disso, é preciso encontrar meios que despertem nos educandos o interesse pela prática da leitura por textos em diversos suportes, especialmente no que se refere à leitura de textos impressos no formato livro. Foi com este propósito que pensamos a proposta didática “Literatura de cordel: desenvolvendo a leitura e a escrita criativa na escola”, a fim de estimular a leitura e a escrita por meio do cordel. A elaboração dessa proposta se deu pela percepção de falha na habilidade de leitura, principalmente no que se refere à compreensão do que foi decodificado, em alguns alunos que frequentam a segunda etapa do Ensino Fundamental na escola em que leciono, no município de Valença-BA.

Nessa perspectiva, partimos da seguinte questão – é possível, através da leitura de cordéis, despertar o interesse dos alunos pela prática constante da leitura vencendo os obstáculos que impedem o desenvolvimento desta habilidade e ainda estimular a escrita criativa discente? Esse questionamento nos faz refletir que as atividades envolvendo os textos em cordel, quando desenvolvidas com uma mediação docente adequada, podem envolver os alunos de modo que se tornem mais participativos, conhecedores de seus potenciais e, conseqüentemente, estimulados à prática da leitura e da produção textual, ao mesmo tempo em que poderão ampliar seus interesses por textos diversos.

O objetivo geral é possibilitar o aprimoramento da leitura e da escrita por meio dos textos em cordel. E os objetivos específicos são: estimular a interação entre os alunos no fazer poético; aprimorar a empatia nas relações docente/discente e discente/discente; apreciar o fazer artístico na sala de aula, além de outros objetivos referentes à aprendizagem descritos em cada etapa da proposta elaborada.

A escolha do cordel ocorreu devido à referida literatura popular ser uma ferramenta propícia para a prática pedagógica, não só por sua estrutura escrita e pela possibilidade de abordagem de variadas temáticas, mas também por ser parte da cultura do nosso país, principalmente, do Nordeste. Além disso, os versos do cordel requerem uma leitura ritmada que encanta e diverte dando um tom dinâmico à aula, possibilitando o despertar da criatividade e o incentivo à tarefa de produção poética dos alunos, fazendo uso, quando

possível, das mídias digitais que já fazem parte da vida humana devido ao grande avanço tecnológico.

Quanto a isso, sabemos que nem todos os alunos e nem todas as escolas dispõem de recursos digitais, portanto, o que propomos aqui é um trabalho, com textos de cordel, que visa incentivar e envolver os alunos no processo de aprendizagem de modo dinâmico onde professor e aluno interajam, possibilitando que o aprendizado aconteça de forma espontânea e criativa. Por isso, escolhemos materiais que possam ser utilizados em qualquer turma escolar, mesmo em escolas com poucos recursos didático-tecnológicos.

Inicialmente, nossa proposta didática foi pensada para ser aplicada numa turma de 8º ano da Escola Municipal em que ensino, mas devido à pandemia que estamos vivenciando, desde março de 2020, não foi possível esta ação. Então, modificamos o direcionamento da proposta de acordo com a Resolução Nº 003/2020 do PROFLETRAS² que define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a 6ª turma do Mestrado Profissional em Letras. Assim, as atividades aqui sugeridas podem ser aplicadas em qualquer ano do Ensino Fundamental, devendo ao professor fazer adaptações de acordo com a realidade da turma.

As atividades podem ser desenvolvidas de forma individual e em grupo, com ênfase em uma avaliação qualitativa, valorizando as produções discentes. Assim, dividimos a dissertação em três seções: na **Seção 1 – LITERATURA DE CORDEL E ENSINO** trazemos uma breve discussão sobre o papel social da escola e as dificuldades que impedem o bom cumprimento desta função, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento de habilidades necessárias aos alunos para sua atuação na sociedade, considerando nosso principal foco que é o desenvolvimento da capacidade leitora e da produção escrita; assim como a relação professor-aluno evidenciada na aprendizagem, quando há empatia nas relações entre esses sujeitos, então, nos fundamentamos nas ideias de Leffa (1996), Fiorindo (2015), Koch e Elias (2008), entre outros que dialogam sobre a importância da leitura e da escrita para o desenvolvimento social. Considerando que é pela leitura que ocorre o contato com a literatura, destacamos a relevância desses textos em sala de aula como abordam Cândido (2011), Rosa (2017) e Azeredo (2018); para um ensino mais participativo sem a mera transmissão de conteúdos como defendem Freire (1996) e Antunes (2002). Ressaltamos, ainda, a literatura de cordel com fundamentos em Abreu (1999) e Luciano (2012), que defendem esta literatura como um produto próprio da nossa cultura; e Haurélio (2010/2013),

2 Programa de Mestrado Profissional em Letras

Marinho e Pinheiro (2012), dentre outros, que dialogam sobre a literatura de cordel, não só como propagadora da cultura local e regional, como, também, um instrumento a ser inserido na escola para a motivação das práticas de leitura e escrita capaz de instruir, informar e entreter, possibilitando ainda, uma dinâmica de aula agradável, espontânea e criativa como sugere Rogers (2009), em sua teoria da terapia focada no cliente, propondo uma aprendizagem significativa pela empatia e as boas relações com o outro, nesse caso as relações no ambiente escolar.

Na **Seção 2 – CORDELIZANDO IDEIAS NA ESCOLA** apresentamos o contexto de ensino, os materiais e as Etapas da proposta de intervenção pedagógica, elaborada com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). O texto em cordel é o principal instrumento dessa proposta que foi pensada e organizada para ser desenvolvida em 10 etapas, distribuídas em 4 horas/aulas cada, com atividades a serem realizadas pelos alunos em sala de aula e em pesquisas extraclasse. Ressaltamos que nas 5 primeiras etapas: **I – Sensibilização poética, II – Redescobrimo o cordel, III – O ritmo do cordel, IV – Praticando peleja na escola e V – Oficina de cordel** correspondem ao que os autores supracitados denominam como “apresentação da situação” e “a primeira produção”, colocando os alunos em contato direto com o cordel, de forma dinâmica e prática; e os denominados “módulos” e “produção final” estão alternados nas etapas subsequentes: **VI – Cordelizando ideias e emoções, VII – Composição poética discente, VIII – Estampando ideias: xilogravura, infogravura e isogravura, IX – Idealizando o varal cordelístico, X – Cordelizações finais**. Assim, cada etapa fornecerá aos alunos elementos para que possam se aventurar na composição de seus próprios versos de cordel, apropriando-se cada vez mais da sua habilidade de escrita, ao mesmo tempo em que desenvolvem a autonomia na organização do espaço escolar para a apresentação das produções.

Nas **CONSIDERAÇÕES FINAIS** salientamos a importância do trabalho com a literatura de cordel de modo prático e descontraído, incentivando a criatividade e, ao mesmo tempo, possibilitando a melhoria na leitura e na escrita dos discentes a fim de contribuirmos com resultados significativos para a educação escolar. E como elementos do pós-textuais, anexamos os textos cordelísticos sugeridos nesta proposta e o parecer que autoriza a sua aplicação emitido pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia, sob protocolo CEP/UNEB nº 3.928.430.

Confiamos que esta proposta didática será relevante para a prática pedagógica em atividades envolvendo a leitura e a escrita. Nossa perspectiva é que, como docente, possamos realizar uma abordagem adequada, de forma dinâmica, que possa envolver os alunos para que

participem mais e se sintam estimulados a produzir textos – valorizando as produções do outro e se apropriando de suas próprias criações – e realizar leituras não obrigatórias com certa frequência.

1 LITERATURA DE CORDEL E ENSINO

“Não se pode ensinar o prazer da leitura com aulas sobre as ciências da linguagem. O conhecimento da gramática e das ciências da interpretação não fazem poetas”.
(Rubem Alves)

Nessa seção destacamos alguns dos desafios enfrentados pela escola, na sua função social, como instituição de ensino responsável por garantir a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades necessárias ao educando para sua atuação na sociedade. Abordamos a interação entre professor e aluno e a relevância do uso dos textos literários, especificamente o cordel, como estratégia de ensino estimulante para uma efetiva aprendizagem da leitura e da escrita.

1.1 DESAFIOS E APRENDIZAGEM AFETIVA-EFETIVA NA ESCOLA

Considerando que a função da escola e da família é formar o sujeito social, crítico e responsável por seus deveres e conhecedor de seus direitos, faz-se necessário garantir na referida instituição de ensino o aprendizado efetivo. No entanto, observamos que, frequentemente, a educação escolar tem dificuldade para garantir, de forma eficiente, a aprendizagem da leitura e da escrita e, com isso, percebemos o *déficit* nos resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica³ (SAEB), do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA).

Acreditamos que a precária estrutura física de muitas unidades escolares, a falta de recursos didáticos que viabilizem uma aula adequada, a grande dificuldade em lidar com a diversidade comportamental e social dos indivíduos presente no espaço escolar e a qualificação não continuada docente são algumas das dificuldades que limitam o processo ensino e aprendizagem. Portanto, diante dos desafios escolares diários, faz-se necessário atitudes elencadas a seguir: 1º Comprometimento dos órgãos responsáveis; 2º qualificação docente; 3º empatia entre corpo docente e discente; 4º proatividade dos envolvidos na dinâmica de educação escolar; 5º presença de biblioteca escolar e laboratório de informática, entre outros aspectos.

3 O SAEB mede o desenvolvimento dos alunos através de exames como a ANA (Avaliação Nacional da Alfabetização), a ANEB (Avaliação Nacional da Educação Básica) e a ANRESC (Avaliação Nacional do Rendimento Escolar), mais conhecida como Prova Brasil. Fonte: http://escolas.educacao.ba.gov.br/avaliacao_nacional.

No que se refere ao 3º item – empatia – nos apoiamos em Rogers (2009), que estabelece uma teoria focada na empatia entre as partes envolvidas no processo. O autor aborda o referido conceito dentro do *set* terapêutico, e estima que “uma certa adaptação à educação do processo de aprendizagem que se verifica em psicoterapia pode oferecer possibilidades favoráveis” (ROGERS, 2009, p.324).

Na perspectiva do referido estudioso, tal atitude parece ser positiva, porém, no processo educacional, ao contrário do processo terapêutico, essa ação demanda tempo e um maior esforço, pois, nós professores precisamos motivar uma turma com vários estudantes, de vivências e idades distintas, com uma proposta que atinja a todos para que se consiga provocar alterações no comportamento e estimular a aprendizagem, numa dinâmica que envolva afeto através da conquista no dia a dia em sala de aula. Essa boa interação entre alunos, professores e demais funcionários é apontada por diversos estudiosos como fundamental para favorecer um ensino mais ativo, que facilite a aprendizagem, e nessa perspectiva devemos levar em conta que:

A capacidade de fazer-se presente, de forma construtiva, na realidade do educando não é – como muitos preferem pensar – um dom, uma característica pessoal intransferível de certos indivíduos, algo de profundo e incommunicável. Ao contrário, esta é uma aptidão possível de ser aprendida, desde que haja a disposição interior (abertura, sensibilidade, compromisso) para tanto. (COSTA, 2001, p.108).

Conforme a citação, faz-se necessário, e urgente, um esforço para nos aproximar dos alunos, mantendo uma postura afetiva, mediadora e ativa, pois isso facilita o processo ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere ao ensino público brasileiro, onde as dificuldades educacionais, em boa parte, continuam as mesmas ao longo dos anos, mesmo diante de estratégias como as 20 metas educacionais⁴ estabelecidas para o país no Plano Nacional de Educação (PNE) a serem alcançadas até 2024. Estando próximo este prazo, é comum pensar que não será possível o alcance desses objetivos em sua totalidade, uma vez que os desafios a serem superados e a melhoria educacional acontece de forma lenta.

Ao observar o relatório do biênio 2018-2020, apresentado pelo INEP⁵, verificamos que algumas metas estão longe de chegarem a êxito, outras já foram alcançadas de forma parcial e poucas foram totalmente atingidas. O relatório também apresenta alguns fatores

4 Dados presentes no Relatório do biênio 2018-2020: 3º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação (PNE) que foi apresentado em julho de 2020 e está disponível em: http://inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkWI/document/id/6975827.

5 O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira é responsável pela produção de estudos para subsidiar o monitoramento do PNE. Consultar nota 4.

alvos de grande preocupação em relação ao ensino brasileiro, dentre eles está o “baixo nível de aprendizado dos alunos, as grandes desigualdades e a trajetória escolar irregular que ainda atinge porção significativa dos estudantes das escolas públicas brasileiras” (BRASIL, 2020, p.14).

Muitas são as situações que levam a estes resultados e algumas são observadas diariamente em nossa prática docente como a carência de recursos que torna a aula sem atratividade fazendo com que muitos educandos não sintam prazer em frequentá-la ou ânimo em realizar as tarefas, principalmente no que se refere ao ato de ler textos e realizar atividades sobre estes; incidindo também no comportamento dos professores que se desmotivam; e, pais que se tornam alheios ao universo escolar. Nessas condições, esperamos que ao pensar na qualidade do ensino, faz-se necessário melhorias tanto na infraestrutura quanto nos recursos pedagógicos e tecnológicos das instituições, dando condições para estratégias adequadas de ensino e um espaço acolhedor para o convívio.

O espaço escolar é um dos aspectos essenciais para o oferecimento de um ensino proficiente como aponta o Todos pela Educação⁶ (2018, p.53), “Uma das condições elementares que uma escola precisa para oferecer ensino de qualidade a todos os seus alunos é uma infraestrutura física apropriada e um ambiente acolhedor e agradável para o processo de ensino-aprendizagem”. Conforme o texto, a inadequação do espaço escolar também pode intervir na aprendizagem dos nossos estudantes e interferir diretamente nos resultados das avaliações nacionais e internacionais.

Entre as avaliações internacionais, no último resultado do PISA divulgado pelos telejornais em 2019, o Brasil mais uma vez ficou entre os países com pior resultado em leitura. A posição no PISA não surpreende se considerarmos o resultado do IDEB 2017 (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), em que nenhum estado brasileiro conseguiu atingir sua meta⁷ proposta para o Ensino Fundamental ano final e para o Ensino Médio. Em 2019 estes números também não foram expressivos para esses segmentos da educação básica, conforme visualizamos na tabela a seguir:

6 Todos Pela Educação é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos e suprapartidária, fundada em 2006, que tem como missão impulsionar a qualidade e a equidade da educação básica no Brasil.

7 A meta brasileira é alcançar 6.0 no IDEB até 2022. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm.

Imagem 1 - Tabela IDEB resultados 2005-2019

Anos Iniciais do Ensino Fundamental																
	IDEB Observado								Metas							
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Total	3.8	4.2	4.6	5.0	5.2	5.5	5.8	5.9	3.9	4.2	4.6	4.9	5.2	5.5	5.7	6.0
Dependência Administrativa																
Estadual	3.9	4.3	4.9	5.1	5.4	5.8	6.0	6.1	4.0	4.3	4.7	5.0	5.3	5.6	5.9	6.1
Municipal	3.4	4.0	4.4	4.7	4.9	5.3	5.6	5.7	3.5	3.8	4.2	4.5	4.8	5.1	5.4	5.7
Privada	5.9	6.0	6.4	6.5	6.7	6.8	7.1	7.1	6.0	6.3	6.6	6.8	7.0	7.2	7.4	7.5
Pública	3.6	4.0	4.4	4.7	4.9	5.3	5.5	5.7	3.6	4.0	4.4	4.7	5.0	5.2	5.5	5.8

Anos Finais do Ensino Fundamental																
	IDEB Observado								Metas							
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Total	3.5	3.8	4.0	4.1	4.2	4.5	4.7	4.9	3.5	3.7	3.9	4.4	4.7	5.0	5.2	5.5
Dependência Administrativa																
Estadual	3.3	3.6	3.8	3.9	4.0	4.2	4.5	4.7	3.3	3.5	3.8	4.2	4.5	4.8	5.1	5.3
Municipal	3.1	3.4	3.6	3.8	3.8	4.1	4.3	4.5	3.1	3.3	3.5	3.9	4.3	4.6	4.9	5.1
Privada	5.8	5.8	5.9	6.0	5.9	6.1	6.4	6.4	5.8	6.0	6.2	6.5	6.8	7.0	7.1	7.3
Pública	3.2	3.5	3.7	3.9	4.0	4.2	4.4	4.6	3.3	3.4	3.7	4.1	4.5	4.7	5.0	5.2

Ensino Médio																
	IDEB Observado								Metas							
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Total	3.4	3.5	3.6	3.7	3.7	3.7	3.8	4.2	3.4	3.5	3.7	3.9	4.3	4.7	5.0	5.2
Dependência Administrativa																
Estadual	3.0	3.2	3.4	3.4	3.4	3.5	3.5	3.9	3.1	3.2	3.3	3.6	3.9	4.4	4.6	4.9
Privada	5.6	5.6	5.6	5.7	5.4	5.3	5.8	6.0	5.6	5.7	5.8	6.0	6.3	6.7	6.8	7.0
Pública	3.1	3.2	3.4	3.4	3.4	3.5	3.5	3.9	3.1	3.2	3.4	3.6	4.0	4.4	4.7	4.9

Os resultados marcados em verde referem-se ao Ideb que atingiu a meta.
Fonte: Saeb e Censo Escolar.

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>

Conforme tabela, percebemos que desde 2013 há resultados pouco significativos da avaliação na segunda parte do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Há tempos, especialistas em educação alertam para esses baixos índices e propõem um melhor planejamento das políticas públicas educacionais, pois cada edição do IDEB “[...]vem revelando que os resultados das políticas não têm correspondido às expectativas de avanço na qualidade de ensino” (SOARES, 2018, p. 19-20). O ideal é que seja realizado um melhor uso dos resultados destas avaliações, especialmente no que se refere à progressão dos indicadores estabelecidos para as metas impostas pelo PNE e criar novas estratégias para melhorar esta realidade, além de investir de forma mais efetiva na formação docente e distribuir adequadamente os recursos. Sobre os indicadores dos resultados até agora observados, a equipe do Inep alerta:

De modo geral, esses resultados apontam para o grande desafio do sistema educacional brasileiro: melhorar o ensino e a aprendizagem dos estudantes, garantindo a todos nível suficiente de aprendizado em relação aos direitos e aos objetivos de aprendizagem e de desenvolvimento de seu ano de estudo e uma progressão/um fluxo escolar regular. (BRASIL, 2020, p 188).

Enquanto as mudanças no diagnóstico dessas avaliações não ocorrem, a instituição escolar continua com o desafio de gerenciar a carência de materiais, de lidar com os pais e/ou responsáveis que nem sempre estão atentos ao desempenho dos filhos, de encontrar meios

para manter os alunos na escola identificando ações que estimulam o desinteresse pela instituição e, a partir de então, oferecer ao professor meios para aprimorar sua dinâmica de aula proporcionando um trabalho que contribua com o avanço na aprendizagem, especialmente quanto ao ensino da língua materna.

Nesse sentido os textos literários podem ser utilizados como instrumentos que através de dinâmicas significativas podem proporcionar bons resultados, mesmo diante da precariedade, por meio de atividades mais produtivas em situações de aprendizagem envolvendo “temas sob a forma de desafios, estudos de caso, situações-problemas, enigmas desafiadores” (ANTUNES, 2002, p.11), ou seja, possibilita um trabalho que visa uma maior participação dos alunos nas atividades escolares e que pode propiciar a superação de suas dificuldades leitoras e o despertar criativo pela habilidade da escrita.

1.2 CONTEXTUALIZANDO LEITURA E ESCRITA

Vivemos numa sociedade onde a leitura e a escrita são habilidades necessárias para o desenvolvimento, sendo a escola o local em que estas práticas se constituem como ferramentas de ensino, inserindo os estudantes em atividades que visam à aprendizagem e aperfeiçoamentos dessas aptidões. Nesse processo faz-se necessário o envolvimento dos alunos em atividades significativas envolvendo situações práticas de leitura e escrita, com base nas diversas situações sociais, para que o ato de ler ultrapasse a simples decodificação e o produto da escrita seja significativo.

1.2.1 A habilidade da leitura

Costumamos definir leitura como um processo de decodificação dos símbolos linguísticos, porém, como descreve Lajolo apud Geraldi (2011a), ler é mais que isso:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO apud GERALDI, 2011a, p.72)

Na escola, geralmente, o processo leitor está relacionado com as atividades de escrita, partindo de textos fragmentados presentes no livro didático, e, quando se utiliza de obra literária, por vezes, esta não é lida em sua totalidade, pois, frequentemente, as atividades

de leitura levadas à sala de aula se resumem a momentos de leitura coletiva, para discussão, com atividades para verificação de informações no texto e produção de novo texto, envolvendo a mesma temática, tendo como objetivo o cumprimento destas tarefas e, com isso, o texto não é explorado em situações didáticas que promovam a construção do conhecimento, tornando o envolvimento dos alunos, nesse tipo de atividade, desinteressante e aumentando ainda mais o desestímulo pela escola, pois, nesse contexto:

[...] a leitura é trabalhada no espaço escolar tendo como objetivo final alguma estratégia de avaliação, o que coloca o aluno diante de uma tarefa árdua: é preciso ler para fazer exercícios, provas, fichas de leitura, resumos, enfim, o ato de ler visa cumprir tarefas escolares. (SILVA apud NASCIMENTO 2020, p. 26-27).

Tal método contribui para a desmotivação dos alunos, e, quanto a isso, precisamos abrir nossas mentes para o fato que é preciso modificar a estratégia de abordagem do texto, considerando que a mudança nesta forma de abordagem da leitura em sala de aula colabora para a formação de um leitor que vá além da decodificação e dos aspectos estruturais do texto; um leitor que pode inferir sobre o implícito no corpo do texto. Além disso, como professores, devemos incentivar nossos alunos para a leitura e, ao mesmo tempo, nos incentivarmos para nossas próprias leituras, uma vez que a experiência leitora influencia a nossa prática podendo também estimular o aluno e influenciar em sua escrita.

A dinâmica leitora abrange a decodificação, a interpretação, a compreensão e a retenção. O aluno terá atingido estas etapas quando for capaz de inferir sobre a pretensão do autor, considerando que “nem tudo está dito no dito ou, ainda, que nem tudo o que está dito é o que está dito”, (KOCH; ELIAS, 2008, p. 47); e reter as informações do texto fazendo uma reflexão sobre o que foi lido sem se distanciar das ideias do autor. Durante a leitura é preciso que o discente, ao decodificar, entenda que durante o ato leitor atribuímos “relações entre nossos conhecimentos anteriormente constituídos e as novas informações contidas no texto, fazemos inferências, comparações, formulamos perguntas relacionadas com o seu conteúdo” (KOCH; ELIAS 2008, p.18), essas atitudes perante o texto facilitarão o seu entendimento mais profundo, tornando explícito o que está implícito.

Através da leitura é possível entrar em contato com a Literatura e por meio dos seus diversos gêneros literários, como suporte de ensino, envolver os alunos numa reflexão sobre as diversas tendências históricas, comportamentais e culturais representadas nesses textos e, assim, evidenciar a Literatura como um instrumento poderoso na aquisição do conhecimento como nos afirma Cândido (2011).

A Literatura, antes presente no Ensino Médio como componente curricular e no Ensino Infantil e Fundamental inicial como forma de lazer, vem ganhando espaço nos anos finais do Ensino Fundamental, porém, nesse segmento, ainda aparece como um conteúdo dentro da disciplina de Língua Portuguesa; ela não tem seu espaço próprio. Diante deste fato, é preciso criar estratégias na forma de abordagem, aliando conhecimento e lazer para que se consiga um resultado positivo dessa junção entre língua e literatura, pois, se bem explorada, a “literatura favorece uma reflexão sobre as coisas da vida e ela também atua como elemento formador de valores, ideias e opiniões” (ROSA, 2017, p. 22) e pela leitura e compreensão textual o conteúdo gramatical pode ser entendido quanto sua função se reconhecido e observado no contexto do texto.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) intensifica a relevância da utilização de texto na sala de aula como estratégia de ensino:

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BRASIL, 2017. p. 65)

A exploração textual no ensino possibilita a criação de várias estratégias para o bom aprendizado quando se faz uso de atividade variada que visa despertar o interesse pelos temas em estudo. Atividades diferenciadas, por meio de textos, são recorrentes na disciplina de Língua Portuguesa, que tem como principal objetivo formar alunos proficientes em leitura e escrita por meio de linguagens diversas (BRASIL, 2017). No entanto, muitas vezes o alcance desse objetivo é comprometido por falta de materiais disponíveis, principalmente de livros para melhor envolver os alunos nesse processo de leitura e consequentemente abrir suas mentes para a escrita:

A novidade do foco contemporâneo no texto está em reconhecer que ele é a verdadeira unidade da análise linguística e que, para explicar adequadamente o seu funcionamento, é necessário tomar em consideração o papel das variáveis do evento comunicativo: quem o enuncia, para que fim o faz, a quem o destina, etc. (AZEREDO, 2018, p. 16)

O trabalho com o texto em sala de aula deve visar à fluência leitora discente, pois “ler bem não significa apenas decodificar os elementos linguísticos na superfície do texto, mas sim compreendê-los microestruturalmente, coesão, e macroestruturalmente, coerência.” (FIORINDO, 2015, p. A7). Diante disso, entendemos que muito dos resultados negativos dos

nossos estudantes, em avaliações, ocorrem pelo fato da não compreensão do que se lê; portanto incluir estes alunos em atividades constantes de leitura, por meio de métodos diversos, elevará o nível de participação, interação e aprendizagem dos mesmos.

Desta forma esperamos que a cada ano escolar os alunos ampliem sua relação com textos, especialmente os textos escritos que estão no suporte livro, no entanto, ainda é possível encontrar um número considerável de escolas públicas no Brasil que ainda não contam com uma biblioteca escolar, item essencial quando se pensa em ampliar o hábito leitor dos estudantes, mesmo com a Lei nº 12.244/2010, que trata da implantação, com prazo estipulado até maio de 2020. Na presente situação isso não foi cumprido visto que o prazo se findou, existindo, atualmente, em tramitação no Senado Federal a Proposta de Lei 5656/19⁸ que prevê, entre outras medidas, a ampliação deste prazo e a criação do Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares.

A falta de acesso a livros físicos também contribui para o pouco interesse pela leitura por parte dos discentes, uma vez que o contato com os livros instiga a curiosidade pelo conteúdo escrito. Além disso, a ausência de contato de muitos estudantes com pessoas que são leitoras também contribui para o baixo interesse por leituras literárias. No entanto, a leitura se faz presente em todos os espaços sociais e diante da cultura digital atual, a constante interação com os diversos instrumentos de comunicação como o computador, o celular e a TV, que aliados à internet trazem grandes atrativos, mantém o educando em contato com uma imensidade de conteúdos digitais, possibilitando a prática por meio de várias leituras, porém, são pouquíssimos os que utilizam essas mídias para a leitura dos textos literários. Também há alunos que não têm contato com esses recursos tecnológicos, assim, entendemos que para estes, os textos, na maioria das vezes, são ocasionalmente lidos apenas quando solicitados e fornecidos pelo professor.

1.2.2 A prática da escrita

Leitura e escrita são habilidades necessárias ao ritmo social em que estamos inseridos, sendo uma complementar a outra. Diariamente, produzimos ou recebemos textos escritos em situações diversas, seja no ambiente de trabalho, no envio de mensagem por aplicativo, nas propagandas de TV, em revistas, em livros, em jornais impressos ou

8 Em tramitação até o momento desta pesquisa. No Senado Federal - **PL nº 5656**, de 2019. Na Câmara dos deputados **PL nº 9484/2018**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/139562>.

eletrônicos, na verificação ou envio de correspondências, nos rótulos, nas bulas, entre tantas outras situações em que encontramos a palavra escrita.

Na escola a escrita se faz presente nas documentações, nos avisos, nos cartazes etc. e é prática predominante nas aulas por meio de anotações, e em atividade de produção textual, que, por vezes, é passada aos alunos sem nenhum cuidado, sem considerar que para construir um texto aceitável é preciso que se adquira alguns conhecimentos para a realização desta tarefa, dentre eles, o uso da pontuação, ortografia e noções básicas gramaticais. Tais noções podem ser adquiridas através do contato com diversos textos por meio de uma sequência didática, como propõem Dolz e Schneuwly (2004), conforme descrito na sequência mais à frente. Por essa estratégia, será possível ao aluno a oportunidade de conhecer melhor o gênero proposto para a escrita e perceber a forma como os elementos que compõem o texto se interligam para passar a informação ao leitor, de forma que este perceba o sentido do texto (coesão e coerência). Nesse processo a intertextualidade também se apresentará quando traços de outros textos, sejam eles orais ou escritos, forem percebidos no texto lido, podendo ocorrer de forma implícita (sem citação da fonte) ou explícita (quando há citação da fonte), como observamos a seguir:

A intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. (KOCH; ELIAS, 2008, p.86).

Com essas informações o aluno poderá iniciar seu processo de escrita e, na função de professor, podemos dar a orientação necessária para que encontrem um motivo para escrever. No auxílio a esta tarefa, precisamos abordar os aspectos e temáticas do texto para estimular a participação e a criatividade dos alunos nas criações. Realizar discussões sobre a temática também auxilia os aprendizes no processo de escrita, além de atividades como a apreciação de filmes com roteiros adaptados; análise de imagens, de livros, de músicas e de propagandas; dentre outras atividades que incentivem a pesquisa, contribuindo para uma produção textual autônoma pela prática, partindo da leitura de outros textos “já que [...] sem estudar textos, ninguém aprende a produzi-los.” (GERALDI, 2011b, p.51).

Nesta tarefa, a escrita pode ocorrer livremente utilizando ficção ou realidade dentro de um contexto, cabendo a nós, professores, adotar uma postura mediadora entre os alunos e a sua produção, verificando, nesse momento, questões gramaticais e ortográficas, mas sem interromper o processo de criação do educando para fazer tais correções porque isso evita que

o foco da escrita seja comprometido. Para essas correções, o ideal é que se reserve um momento ao final da atividade para que os próprios alunos-escritores realizem a avaliação de suas produções. Nesse sentido, os exercícios práticos de leitura e escrita transpassam a decodificação e favorecem que os conhecimentos sejam construídos e adquiridos pela ação e reflexão ao longo do processo.

1.3 CORDEL: LITERATURA BRASILEIRA

Aqui falaremos sobre a literatura de cordel, bem como as mudanças na forma de divulgação dessa literatura decorrentes das transformações ocorridas na sociedade e sua crescente utilização nas salas de aula como instrumento motivador da leitura e da escrita.

Conhecemos o cordel como uma literatura regional, organizada em estrofes de seis, sete ou dez versos poéticos que tem algo para contar com rima e ritmo, e, se apresenta impressa em folhetos que variam entre 04, 08, 16 e 32 páginas (HAURÉLIO 2010). Porém o cordel é muito mais que isso: é forma de expressão, linguagem, gênero literário, veículo de comunicação, ofício e meio de sobrevivência para inúmeros cidadãos⁹. Sua origem no Brasil está relacionada à época da colonização, sendo influenciada pela literatura portuguesa inserida no país; tendo sua disseminação a partir da região Nordeste, passando a ser conhecida e admirada em todo o país e no exterior por leitores ou apenas ouvintes desses versos.

O nome cordel foi adotado no Brasil devido à forma como os livretos eram expostos em Portugal à época de sua inserção em nosso país. No entanto os cordéis compostos no país europeu diferem dos compostos no sul-americano em muitos aspectos até mesmo na forma de escrita desses textos; uma vez que naquele, os textos se apresentam também em prosas e neste, apenas em versos, como observou Abreu (1999) em sua pesquisa. Para a autora os folhetos nordestinos são criações próprias dos autores brasileiros, não havendo semelhança nem quanto à forma nem quanto às condições de produção com os folhetos europeus, sendo estas duas literaturas independentes uma da outra, conforme observamos:

Lendo os cordéis portugueses, os poetas nordestinos perceberam que algumas das histórias poderiam agradar, mas necessitavam sofrer adaptações em um aspecto fundamental: a forma. O público parece ter aprovado essa decisão pois, enquanto os cordéis portugueses perdiam espaço sendo cada vez menos editados até que saíssem de circulação no Brasil, os folhetos recontando as mesmas histórias no padrão nordestino tornaram-se clássicos da literatura de folhetos. O contato com os cordéis portugueses pode ter engrossado o caldo, aumentando o repertório de situações,

⁹ Esta descrição aparece no dossiê de registro da Literatura de Cordel junto ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

temas, personagens, incorporados a uma forma poética fixa, criada e aperfeiçoada pelos poetas nordestinos, primeiramente no âmbito das cantorias orais e, posteriormente, por meio de folhetos impressos. (ABREU, 1999, p. 133-134).

Diante do exposto pela autora, salientamos que aqui no Brasil as composições em cordel ganharam estruturas próprias com rimas, métricas e oração e características que foram além do texto escrito, ganhando grande valor histórico que fez com que esta literatura fosse reconhecida em 2018 como patrimônio cultural imaterial brasileiro¹⁰. O que, para nós, significa confirmar que este produto cultural teve sua criação com influência europeia, mas desenvolveu-se de forma distinta sendo assim uma literatura tipicamente brasileira que desde seus primeiros escritos vem ganhando admiradores leitores e ouvintes e ampliando o número de escritores.

Vários cordelistas deixaram seus nomes gravados na história do cordel, dentre eles o nome mais lembrado é o de Leandro Gomes de Barros, considerado o pai do cordel no país. Patativa do Assaré, Cego Aderaldo, João Martins de Athayde e, os baianos, Cuíca de Santo Amaro e Minelvino Francisco Silva também são alguns dos mais citados. Há hoje uma quantidade imensa de cordelistas ativos no país, alguns começaram essa prática pela admiração a esta literatura e aos grandes cordelistas e seus versos, outros, seguindo os passos de seus familiares: como a poetiza Izabel Nascimento, filha dos poetas cordelistas Pedro Amaro e Ana Santana.

Por sua forma de produção e divulgação o cordel, por muito tempo, passou despercebido pela escola como literatura, sendo lembrado apenas como objeto cultural e até mesmo folclórico. Essa visão voltada para o cordel se deve ao fato de ser considerada uma literatura popular, remetendo a uma ideia errônea de que tudo o que é popular é folclórico e, por consequência, o texto cordelístico ficou de fora do contexto escolar, negando aos alunos contato com a riqueza literária presente nessas composições de estrutura bem pensada, que “como tal só existe no Brasil e, certamente, é a única forma original de poesia brasileira” (LUCIANO, 2012, p.28).

Os folhetos são a forma clássica dos cordéis, porém algumas histórias são compostas com muito mais estrofes distribuídas em uma quantidade maior de páginas, geralmente, impressas em formato de livro, como, por exemplo, o de Bráulio Tavares, conforme visualizamos a seguir:

10 O pedido encaminhado pela ABLC junto ao IPHAN em 2010. Tendo a conclusão do processo em 2018.

Imagem 2 - Capa do livro *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*



Fonte: Arquivos da autora

O referido livro é um romance em cordel com 80 páginas, composto em sextilha com 158 estrofes. Os versos narram uma aventura fantástica cheia de elementos mágicos, aventura e provações em que os personagens Artur – um andarilho que busca acabar com as injustiças do mundo – e a jovem Isadora – que está à procura da pedra do meio-dia para que possa libertar seu povo de um encantamento – se vestem de coragem para enfrentar os vários perigos que encontrarão pelo caminho. A história também mostra a importância da empatia e da amizade, e, lógico, também tem o nascimento de um amor verdadeiro, tema tão apreciado quando se trata de romance. As ilustrações presentes no livro são inspiradas nas xilogravuras e deixam a narrativa ainda mais envolvente.

Nos cordéis é possível escrever sobre qualquer tema: política, folclore, fatos cotidianos, fatos históricos, situações sociais, personagens e personalidades regionais, etc., narradas na poética do cordel por cordelistas profissionais ou por quem se aventura na escrita desta arte literária. A seguir apresentamos um cordel em metalinguagem¹¹, nos versos de Obeid, presente no livro “Desafios de cordel¹²” (2018, p.10-13):

11 Segundo o dicionário Caldas Aulete: é o ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre a própria ou outra linguagem.

12 O livro *Desafios de Cordel* de César Obeid faz parte do catálogo 2020 do PNLD Literário.

Um cordel sobre o cordel

Um cordel sobre o cordel
Eu pretendo apresentar.
É uma arte versejada
Da cultura popular
Que nasceu lá no Nordeste
Para o mundo apreciar.

São as rimas de cordel
Encaixadas nas sextilhas
Nos martelos e galopes
Nas oitavas e setilhas
Que encantam muito mais
Do que as sete maravilhas.

O cordel só é aceito
Com os versos bem rimados.
Cada verso bem medido
Todos bem metrificados.
Assim manda a tradição
Dos poetas inspirados.

É na forma de folhetos
Que ele tem sua tradição
Porém hoje outras formas
Temos de publicação
Como livros e internet
E outras tantas que virão.

O cordel pode conter
Alguns temas atuais
Ou histórias inventadas
Ou mil causos naturais
Pois os versos do cordel
Contam isso e muito mais.

O folheto nordestino
É uma arte genial.
E a origem desse nome
Provém lá de Portugal.
Esse nome porque era
Pendurado no varal.

Pendurar os folhetinhos
Não é nossa tradição
Ora iam em barbantes
Ora em bancas ou no chão.

O barbante não foi regra
Do poeta do sertão.

O cordel era vendido
Lá nas feiras do Nordeste
Lá no Brejo ou Cariri
No Sertão ou no Agreste.
Hoje está pelo Brasil
Desde o Norte até o Sudeste.

O cordel vendido em feiras
Precisava entonação.
Pra história ficar boa
E chegar ao coração
Corpo e voz tinham que ter
Uma grande expressão.

Pra dizer um bom cordel
Tem que ser bem inspirado
Pois ninguém aguenta ouvir
Um cordel desanimado.
Mas o verso fica lindo
Quando é bem declamado.

Vejam só qual é a técnica
Dos poetas do Sertão
Que paravam sua história
Num momento de emoção
Para o povo então comprar
Seu folheto campeão.

E assim muitos poetas
As famílias sustentaram.
Com a venda dos folhetos
Muitos lucros aumentaram.
Porém hoje, os folhetos
Novos passos conquistaram.

O cordel hoje é presente
Lá nas feiras culturais
Faculdades e escolas
E também outros locais.
Todo mundo abriu as portas
Para os versos naturais.

Este cordel, escrito em sextilha, traz em suas treze estrofes informações sobre a literatura de cordel de forma bem clara, ritmada e atual. Cada estrofe apresenta para o leitor a origem, a modalidade de escrita, a forma de produção, as formas de divulgação – antiga e atual – e a natureza dos temas que geralmente são usados na escrita de um cordel.

Para compor um cordel, o poeta precisa ter certo conhecimento da métrica a ser utilizada para criar a melodia dos versos, como exposto a seguir:

Sextilha – estrofes de 6 versos, com versos de sete sílabas poéticas, em que os versos pares rimam entre si, seguindo a estrutura **XAXAXA**, onde a letra **A**, na estrutura apresentada, corresponde aos versos que rimam entre si e os versos representados pela letra **X** não possuem rimas. A seguir versos em sextilha do cordel “Aquecimento global” de Francisco Diniz (2007, p. 01):

X O planeta está enfrentando
A O aquecimento global,
X Que põe em risco a todos,
A Ninguém está imune do mal,
X A coisa é preocupante
A E não é nada normal.

Setilha – estrofes de 7 versos de sete sílabas poéticas, em que as rimas acontecem no 2º, 4º e o 7º versos, tendo um segundo conjunto de rimas no 5º e 6º versos, seguindo a estrutura **XAXABBA**. Na setilha notamos que apenas não há rimas no primeiro e no terceiro versos, representados pela letra **X**, como verificaremos a seguir, nos versos do cordel “Maria e João: um caminho para boa alimentação¹³” de Manoel Neto:

X Às margens do Rio da Dona
A Numa casa pobrezinha
X Feita de madeira e barro
A Morava uma menininha
B Com seu pai e seu irmão
B Cuidando da plantação
A No entorno da casinha

Décima – estrofes de 10 versos de 7 sílabas poéticas, as rimas acontecem da seguinte maneira: **ABBAACCDDC**. Nessa estrutura o 1º verso rima com o 4º e o 5º versos; o 2º verso rima com o 3º; o 6º verso rima com o 7º e o 10º; o 8º verso rima com o 9º. Observemos a

13 Revista Pandora Brasil, edição 109: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao109.htm.

seguir em estrofe do cordel “Tem gente querendo separar o Nordeste do resto do Brasil” de Elton Magalhães¹⁴:

A No Nordeste nasceu a capoeira
 B Mestre Bimba e Pastinha aqui são mitos
 B O Cordel, com seus temas infinitos,
 A Leva ao mundo esse nome, essa bandeira.
 A Nosso samba de roda na primeira
 C Capital do país foi que surgiu
 C A embolada pra nós sempre serviu
 D Como festa pro povo se alegrar
 D Pois tem gente querendo separar
 C O Nordeste do resto do Brasil.

Além desses esquemas, é possível encontrarmos cordéis em estrofes que os autores classificam como martelos e galopes. O martelo agalopado e o galope a beira mar são as mais conhecidas dessas estruturas.

O martelo agalopado é composto de estrofes com 10 versos de 10 sílabas poéticas, suas rimas seguem o mesmo esquema das décimas, **ABBAACCDDC**, porém, possuem versos com marcação tônica na terceira, na sexta e na décima sílaba, como observamos a seguir nos versos “Galopando o cavalo pensamento” de Marco Haurélio (2013, p.112):

A A Senhora dos Túmulos observa
 B O vaivém da tacanha mocidade,
 B Que despreza a virtude e a verdade
 A E dos vícios se mostra fiel serva,
 A Porém nada no mundo se conserva:
 C Sendo a vida infinito movimento,
 C É a Morte um novo nascimento,
 D A inveja é o túmulo dos vivos –
 D O herói repudia esses cativos,
 C Galopando o Cavalo Pensamento.

O galope à beira mar é composto de estrofes com 10 versos de 11 sílabas poéticas e também segue o esquema de rimas das décimas **ABBAACCDDC**, no entanto seu verso final deve terminar com a palavra **mar**. Veja a seguir esses versos de Antônio Queiroz, “Galope na beira do mar¹⁵”:

14 Texto completo disponível em: <http://oxe.insix.com.br/>

15 Disponível em: <http://oxe.insix.com.br/>

- A** Sou filho da roça nasci na pobreza
B Cortei de machado limpei de enxada
B Cavei cacimbão vasculhei levada
A Já plantei batata no chão da represa
A Vendi meu suor buscando a despesa
C Já cortei sisal pra desfibrar
C De uns tempos pra cá comecei cantar
D Nem tenho nem posso ter tudo que quero
D Mas tenho esta arte que tanto venero
C Nos Dez de galope na beira do Mar

A metrificação consiste ainda na contagem das sílabas poéticas, que não devem ser confundidas com a sílaba gramatical, assim, para formar as sílabas no cordel se deve evitar rimas toantes (aparentes) – em que os sons das palavras se assemelham – e fazer uso de rimas soantes (consoantes) – em que os sons são idênticos – de forma que as palavras se encaixem perfeitamente. Também pode ocorrer a utilização de rimas difíceis ou raras, mais utilizadas nos desafios, quando se faz o uso de palavras às quais dificilmente se conseguem rimas. As combinações perfeitas são formadas quando observados os sons até a última vogal tônica, como verificaremos a seguir nos versos em sextilha de “A greve dos bichos¹⁶” de Zé Vicente:

A greve dos bichos – Zé Vicente

Muito antes do dilúvio
 Era o mundo diferente
 Os bichos todos falavam
 Melhor do que muita **gente**
 E passavam boa vida
 Trabalhando honestamente

O diretor dos Correios
 Era o doutor jabuti
 O fiscal do litoral
 Era o matreiro siri
 Que tinha como ajudante
 O malandro do quati

O rato foi nomeado
 Para chefe aduaneiro
 Fazendo muita “muamba”
 Ganhando muito dinheiro
 Com camundongo ordenança
 Vestido de marinheiro

O cachorro era cantor
 Gostava de serenata
 Andava muito cintado
 De colete e de gravata

16 O texto completo do cordel A greve dos bichos de Zé Vicente está disponível em: <http://www.ablc.com.br/a-greve-dos-bichos/>.

Passava a noite na rua
 Mais o besouro e a barata
 [...]

Nesses versos de Zé Vicente, as palavras utilizadas rimam entre si com uma terminação perfeita, o que classifica as rimas como soantes. Os cordéis, geralmente, têm o dom de encantar leitores e ouvintes; nessa interação, o cordel se caracteriza, de certo modo, como um texto para o coletivo, escrito com traços da oralidade para serem lidos para o outro em voz alta, seja pelos cordelistas, pelos vendedores de folhetos que declamam os versos para chamar a atenção de seus possíveis compradores ou pelas pessoas que realizam a leitura para outras nos momentos de lazer. Enfim, ao analisar historicamente o percurso do cordel, notamos que se trata de um texto produzido para ser lido em público, o que não nos impede de realizar uma leitura silenciosa, nos envolver e nos deixar encantar com a poética dos versos cordelísticos.

Seja qual for a rima ou a estrutura usada nos versos do cordel é muito comum encontrarmos nesses textos imagens que os acompanham, e, ao contrário do que muitos pensam, estas imagens não são apenas produzidas pelo processo de xilogravura, pois como bem informa Marco Haurélio (2010), xilogravura e cordel são coisas distintas que se complementam, então, nem todo cordel aparecerá ilustrado com xilogravuras, como também nem todas as imagens produzidas através de xilogravuras estarão ilustrando textos de cordéis.

1.3.1 Xilogravura, Infogravura e Isogravura

As imagens, juntamente com o título, atizam a curiosidade do leitor para a leitura do cordel. Pela presença de imagem na capa é possível ter uma ideia do conteúdo da história, principalmente quando seu título se apresenta de forma ambígua. Existem diversas técnicas de ilustração para o cordel, as mais frequentes são as que descreveremos nas próximas linhas.

Xilogravura é um processo de desenho em placa de madeira, utilizado nas produções textuais como um carimbo. A madeira é entalhada à mão utilizando um material cortante e pontiagudo, depois é aplicada tinta sobre a matriz que logo será prensada em papel. A xilogravura se popularizou como ilustração própria dos textos em cordel, porém, “é a ilustração mais característica dos folhetos, mas não é a única” (HAURÉLIO, 2010, p. 99). Ainda segundo o autor, esta arte começou a se popularizar no país a partir da década de 1950. Atualmente J. Borges é o nome mais lembrado quando o assunto é xilogravura, a seguir uma ilustração do referido artista:

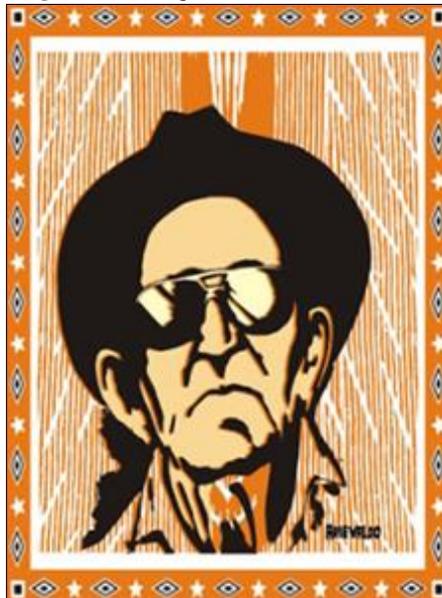
Imagem 3 – Xilogravura – J. Borges



Fonte: http://obviousmag.org/archives/2014/03/xilogravura_passo_a_passo.html

Já a Infogravura é um conceito dado por Arievaldo Viana aos desenhos computadorizados que imitam a xilogravura. Nesse processo as imagens são digitalizadas e passam por edição antes de sua impressão, conforme observamos a seguir:

Imagem 4 – Infogravura – Arievaldo Viana



Fonte: <https://acordacordel.blogspot.com/search?q=infogravura>

E as isogravuras são reproduções criadas a partir de placas de isopor, onde os desenhos são riscados e depois é aplicada tinta preta sobre a placa, e esta é prensada sobre o papel, revelando o desenho, conforme visualizamos:

Imagem 5 – Isogravura – Renata Nunes



Fonte: <https://renatanunes.wordpress.com/2008/11/12/jardim-isogravura/>

As imagens passaram a ser cada vez mais presentes no cordel, sendo uma complementação ao texto, mas não essencial, pois ambos são independentes. Portanto, a falta da imagem nos cordéis não descaracteriza esta literatura e, ainda hoje, como no início da produção cordelística, encontramos cordel sem este recurso. Segundo Luciano (2012), as imagens foram inseridas ao cordel por Leandro Gomes de Barros, que trocou as capas cegas por desenhos e fotografias.

1.3.2 Das capas cegas à digitalização

A ideia de atribuir capas aos cordéis surgiu para identificação desses textos e logo passou a ganhar recurso de imagens que atraíam as pessoas que curiosas queriam conhecer o texto qual esse recurso visual se associava. As capas ilustradas estão presentes em muitos folhetos cordelísticos e são responsáveis em atizar a curiosidade dos prováveis leitores para o enredo desenvolvido no cordel.

Antes da inclusão de imagens, os folhetos eram divulgados com capas cegas – ausência de imagens – apenas trazendo o título do trabalho e o nome do autor, então, a capa passou a ganhar recortes de imagens de cartões postais ou fotos de artistas, no entanto, essas imagens nem sempre correspondiam ao enredo dos cordéis. Depois apareceram as xilogravuras em tons monocromáticos que conquistaram poetas estimulando a imaginação dos leitores que se antecipavam aos acontecimentos da narrativa, pois eram elaboradas com base

no evento que se passava nos versos. Com o tempo as ilustrações da capa passaram a ganhar outros formatos e tons policromáticos, conforme representado nas imagens seguintes:

Imagem 6 - Capa cega



Fonte: Blog Biblioteca do NUPPO Altimar Pimentel¹⁷

Imagem 7 - Capa com recortes de imagens



Fonte: Blog Biblioteca do NUPPO Altimar Pimentel

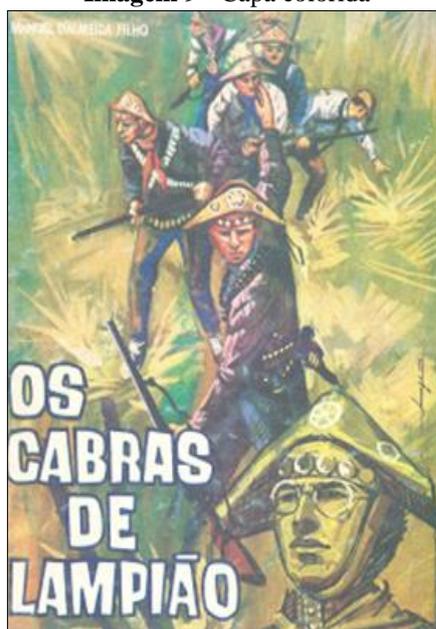
¹⁷ As imagens estão disponíveis no link: <http://bibliotecadonuppoaltimarpimentel.blogspot.com/p/inicio.html>

Imagem 8 - Capa com xilogravura



Fonte: Blog Biblioteca do NUPPO Altimar Pimentel

Imagem 9 - Capa colorida



Fonte: Blog Biblioteca do NUPPO Altimar Pimentel

Atualmente, as ilustrações contam com a tecnologia que submete as imagens ao processo de digitalização e edição, melhorando e atribuindo uma melhor tonalidade. Porém, independentemente das capas, ilustradas ou cegas, o que não deve faltar nesta literatura são a organização e a marcação de seus versos.

1.3.3 Repente X cordel

Repente e cordel são duas expressões populares que se assemelham, porém existem algumas diferenças entre elas que são visíveis. Os versos do repente nascem na improvisação, seguindo regras fixas ou regras combinadas entre os repentistas e, assim como os desafios ou pelejas, se apresentam apenas pela oralidade com o acompanhamento de instrumentos musicais ou com o bater das mãos formando sons que o acompanham. Essa cantoria geralmente é realizada por duplas de cantadores, que criam suas estrofes na hora da apresentação sem se descuidar das métricas e rimas. Nessa situação os cantadores oponentes possuem um conhecimento das regras de construção poética e rapidez de pensamento para responder ao seu oponente (CAVIGNAC, 1996), porém, não há uma disputa onde se espera um vencedor para o embate como acontece na peleja.

O cordel se constitui de texto escrito e oral, possuindo uma estrutura formalizada composta por versos que abordam temáticas envolventes com diversos assuntos do cotidiano. Inicialmente as produções de cordel no país eram adaptações dos romances e novelas de cavalaria da Europa, com o tempo os cordelistas nacionais passaram a escrever seus próprios conteúdos, envolvendo acontecimentos locais – servindo como veículo de notícias – e depois temas como amor, coragem, viagens, conquistas, entre outros assuntos, e, então, começaram a se espalhar pelo país.

Por muito tempo estes textos chegavam aos leitores através dos próprios escritores que saíam de porta em porta oferecendo suas obras ou realizavam exposição e declamação dos seus escritos em feiras, onde sempre houve grande circulação de pessoas. Havia também a figura do revendedor que obtinha autorização do autor para vender seu material, ganhando uma comissão por isso (ABREU 1999). Hoje alguns cordelistas contam com suas redes sociais e *sites* de compartilhamento de vídeos para divulgação de seus trabalhos e participam de eventos literários e programas de rádio e de TV. A divulgação através dessas redes possibilita que muitas pessoas tenham conhecimento sobre a literatura de cordel, assim, tanto os textos clássicos de cordel quanto os textos contemporâneos vão ganhando mais ouvintes-leitores-admiradores.

Os cordéis impressos também podem ser adquiridos através das redes sociais da editora, além de encontrarmos nos meios eletrônicos variedades desses escritos, seja em sua forma tradicional escrita ou por meio de adaptações dessas obras em outros formatos. Entre os formatos mais utilizados estão os vídeos animados, alguns dos clássicos desta literatura, a

exemplo do cordel “O cavalo que defecava dinheiro¹⁸” de Leandro Gomes de Barros já virou animação. Daí que se nota como as transformações sociais geram impactos também na literatura, tanto na sua forma de composição quanto na sua forma de exposição.

A apresentação dos textos de cordel em suportes distintos como o digital constitui o formato híbrido, ou seja, um produto gerado pela combinação de múltiplas linguagens, pois “são textos que rompem as fronteiras dos gêneros, transgridem normas formais estabelecidas e aparecem como produto de uma combinação, fusão, mistura ou aglutinação de elementos diferentes” (KRYNSINSK, 2012, p.230); como exemplo, citamos as animações – que combinam o texto do cordel com sons e imagens em movimentos. Essas adaptações conseguem apresentar os textos de cordel sem perder sua originalidade, ou seja, a organização dos versos setissílabos em décima, setilha ou sextilha, tendo uma história para contar com rima, ritmo e oração (coesão), como salientam Luciano (2012) e Haurélio (2013), e, que de forma animada e criativa levam o cordel ao conhecimento de um número ainda maior de pessoas.

Além das adaptações animadas, atualmente as releituras de fábulas e contos de fadas têm ganhado destaque em versos de cordel, como mostrado a seguir:

Imagem 10 - Capa do cordel *A cigarra e a formiga* (Manoel Monteiro)



Fonte: <http://www.cordelendo.com>

18 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7tAOTbO-TSc>.

A cigarra e a formiga: uma fábula educativa e atual¹⁹

Meu Senhor! Minha Senhora!
 Meu amigo! Minha amiga!
 Sentem ao meu lado, escutem
 Uma historieta antiga
 Cheia de belas imagens
 Quem tem como personagens
 A CIGARRA e a FORMIGA

A CIGARRA é um inseto
 De vozinha estridular
 Tenha sol brilhando alegre
 Ou chuva a se derramar,
 Seja primavera ou seja,
 Outono a CIGARRA adeja
 Estridulante a cantar.
 [...]

CIGARRA canta e, cantando,
 Deixa a vida caminhar
 Foi assim que uma delas
 Estava alegre a cantar
 Quando uma formiguinha
 Conduzindo uma folhinha
 Parou para a saudar.
 [...]

Manoel Monteiro versejou vários outros textos conhecidos, entre eles os contos de fadas, a seguir parte do cordel “Chapeuzinho Vermelho”:

Imagem 11 - Capa do cordel *Chapeuzinho Vermelho*



Fonte: <http://www.cordelendo.com>

¹⁹ Texto completo disponível em: <http://www.cordelendo.com/2019/10/a-cigarra-e-formiga-em-cordel.html>

Chapeuzinho Vermelho – versão versejada²⁰

ERA UMA VEZ, é assim
que começa: ERA UMA VEZ
Que todo conto começa,
E, se sempre assim se fez
Não vou fazer diferente
Vou começar lentamente
Contando um conto a vocês.

Pense uma casinha branca
Bem ao lado da estrada
Com o telhado vermelho,
Porta e janela, alpendrada,
Chaminé, céu azulado;
EIS O CENÁRIO MONTADO
Para a história ser contada.

Nessa casinha que está
Logo ali a nossa frente
Morava uma garotinha
Bela, doce, inteligente,
Dessas que alegam o espelho
Era “Chapeuzin” Vermelho
Querida por toda gente.
[...]

O fator importante nesses textos é que na reescrita em versos as histórias ficam mais enxutas, mas os autores mantêm as ideias dos originais realizando algumas alterações. Para Marinho e Pinheiro (2012), essas adaptações podem ser levadas à sala de aula juntamente com as obras originais garantindo ao leitor o direito de conhecer ambas fazendo relações e identificando as mudanças ocorridas.

1.4 ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO EM CORDEL

As práticas pedagógicas, no contexto contemporâneo de diversas informações midiáticas, devem ser ferramentas interessantes para o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita na escola. Por isso, o mediador/docente precisa estar familiarizado nesse contexto que permite o diálogo de diversas semioses. E, para que o processo ensino e aprendizagem ocorram de forma efetiva, torna-se imprescindível saber o que de fato interessa aos alunos a fim de aproximá-los da melhor maneira possível do conteúdo programático, mas sem desconsiderar o conhecimento prévio sociocultural que os aprendizes trazem consigo para o ambiente da sala de aula.

20 Disponível em: <https://www.cordelendo.com/2019/10/chapeuzinho-vermelho-em-versos-de-cordel.html>

Ao realizar atividades com cordel é preciso que esta aula aconteça como um momento de interação e prazer. Nesse sentido, concordamos com Alves (2018) ao afirmar que o professor deve utilizar duas caixas na sua prática: a caixa de ferramentas e a caixa de brinquedos. Esses brinquedos nada mais seriam senão uma forma interessante de fazer a prática docente; isso implica dizer que o trabalho com a literatura popular, em sala de aula, deve ser realizado de forma prazerosa para que os alunos não percam o encanto pelos textos e se aventurem, espontaneamente, na leitura de qualquer gênero literário. Nessa perspectiva, o cordel deve ser lido, sentido e compreendido, indo além da pura interpretação, buscando relacionar o texto com o contexto social vivenciado pelo leitor.

E neste contexto, uma atividade de leitura envolvendo a literatura de cordel tem sua relevância por seus versos conterem uma narrativa ritmada, que costuma chamar a atenção dos discentes por meio de temática que pode divertir, informar, homenagear ou contar um fato histórico; além de ampliar conhecimentos, melhorar a leitura e a escrita e contribuir para a ampliação vocabular, despertando o interesse dos alunos para a escrita dos seus próprios textos com base em seus saberes prévios e suas experiências de vida, num processo de despertar da criatividade.

Nessa situação, pela experiência da escrita, o aluno tem a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre o cordel, devendo o professor ficar atento às produções para que possa auxiliá-los diante das dificuldades e incentivá-los em seus avanços. Inicialmente pode ocorrer a não marcação das rimas exigida pelo cordel, acontecendo, por exemplo, o “pé quebrado”, comum entre os iniciantes na escrita desta literatura. Por isso, o processo de revisão e reescrita são importantes, não só para a verificação ortográfica e de acentuação como também para verificar a metrificação dos versos com as sílabas poéticas.

Uma ideia interessante para sala de aula é o uso das estilizações²¹ em cordel como estratégias de estímulo à escrita, conforme resultados desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/UNEB)²² que reescreveu alguns contos de fadas em cordel com foco na alimentação saudável, a partir do projeto “Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo”. A título de ilustração, apresentamos “A donzela das tranças de mel” (ALMEIDA e REIS, 2020), baseado no conto de Rapunzel:

21 Processo de reescrita de um texto fazendo pequenas alterações que não alteram o sentido original do texto. SANT'ANNA (2003. p.13).

22 Grupo de Pesquisa disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/42889>

Imagem 12 - Ilustração do cordel *A donzela das tranças de mel*



Fonte: Revista Pandora Brasil edição 109²³

A donzela das tranças de mel²⁴

O que vou contar agora
É história interessante
De uma moça muito bela
Sonhadora e elegante
Resgatada por um príncipe
Vindo de terra distante.

É a donzela Rapunzel
Moça meiga e delicada
Logo após o nascimento
Por uma bruxa, foi levada.
Tirada da mão dos pais
Numa torre foi trancada
[...]

Mesmo presa nessa torre
Rapunzel cresceu sadia
Criança superesperta
Irradiava alegria
Adorava um rabanete:
Se esbaldava todo dia.

Também curtiá salada
E a bruxa boquiaberta
No prato tinha de tudo
Tudo na medida certa
Crescia forte e bonita
Naquela torre deserta.
[...]

²³Link da revista: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao109.htm

²⁴ Texto completo: Revista Pandora Brasil, edição 109, no *link* acima.

A leitura das adaptações e dos textos clássicos do cordel, em sala de aula, pode ser uma ferramenta pedagógica lúdica e criativa para os educandos criarem seus próprios textos com a estrutura do cordel, e, pela produção, entender melhor os aspectos dessa construção textual. Nessa atividade sua inspiração criativa, também, pode partir de temas envolvendo os conteúdos disciplinares e as questões do cotidiano da escola e da comunidade.

Outra proposta pedagógica interessante foi realizada pelo professor e cordelista Elton Magalhães, que desenvolveu, junto aos colegas de outras disciplinas e discentes, a produção de cordéis, que tratavam dos diferentes componentes curriculares; o que resultou na produção de um livro promovido pelo Instituto Federal Baiano – IF BAIANO de Itaberaba – BA. Nesse tipo de trabalho, a sextilha parece ser a melhor estrutura para iniciar a produção dessa literatura com os alunos, por conter seis versos em que as rimas acontecem nos versos pares, como observamos a seguir nos versos que compõem o cordel “Gêneros Literários²⁵” da aluna Beatriz Sena, presente no livro “Sala de versos e rimas”²⁶:

Imagem 13 - Capa do livro *Sala de versos e rimas*



Fonte: <https://eltonmagalhaes.wordpress.com>

Gêneros literários

O meu nome é Beatriz
E estou aqui pra falar
 Que os gêneros literários
São bem fáceis de ensinar
 Preste bastante atenção
Que agora vou explicar

25 O texto completo se encontra na p. 95 do livro “Sala de versos e rimas”, organizado pelo professor e cordelista Elton Magalhães.

26 O livro traz uma coletânea de textos em cordel produzidos pelos alunos do Instituto Federal Baiano, resultado da oficina do referido cordelista e que contou com a participação e apoio de professores de diversas disciplinas. Disponível em: <https://eltonmagalhaes.files.wordpress.com/2019/09/sala-de-versos-e-rimas.pdf>

Eu começo meu cordel
Falando pra vocês
 Dos gêneros literários
Que se dividem em três
 O assunto é bem legal
E está em Português
 [...]

Agradeço ao meu leitor
Por sua grande atenção
 Peço já que me desculpem
Se fiquei de enrolação
 É o meu primeiro cordel
Não tenho dominação.

Na referida composição verificamos que a aluna utilizou como tema um conteúdo disciplinar, e, ao conceituar e exemplificar as três subdivisões dos gêneros literários – dramático, épico e lírico – utiliza rimas no segundo, quarto e sexto versos, de cada estrofe, usando a estrutura em sextilha. Como demonstrado na estrofe final, os alunos podem sentir um pouco de insegurança na escrita de seus versos, já que esse tipo de construção em sala de aula não é um trabalho simples, mas com a mediação docente é possível chegar a um resultado, como pudemos perceber nos versos acima. Diante disso, consideramos que a abordagem textual se mostra como um bom caminho para o aprendizado, permitindo criar possibilidades para que o conhecimento seja construído, pois, não cabe mais um ensino pela pura transmissão de conceitos (FREIRE, 1996).

Para escrever cordel na escola é preciso que haja um conhecedor desta literatura que possa observar essas escritas discentes, quanto à metrificação e quanto à composição das rimas nos versos para que estas produções fiquem o mais próximas do cordel. Essa função pode ser exercida por um convidado, um cordelista ou pelo professor que conheça perfeitamente as técnicas de composição do cordel.

É certo que desenvolver atividades com leitura e escrita de cordéis não significa que estaremos preparando os alunos para se tornarem cordelistas; este interesse pode ou não ser despertado neles, até porque, nos primeiros contatos com esta literatura, em sala de aula, tudo o que eles produzirão serão textos, os quais Arievaldo Viana (2010) classifica como “pseudocordel” que são as produções que se apresentam com a estrutura do cordel, porém não possuem uma marcação adequada da métrica e apresentam rimas toantes. O que vai fazer com que escrevam bem e utilizando a estrutura correta, não só no que diz respeito ao trabalho com cordel ou qualquer outro gênero textual estudado na escola, é a prática da escrita.

2 CORDELIZANDO IDEIAS NA ESCOLA

O bom leitor é aquele
 Que lê um texto e entende;
 Já disse Guimarães Rosa:
 “Bom guerreiro não se rende.
 Mestre não é quem ensina,
 Mas quem de repente aprende”.
 (Moreira de Acopiara)

Aqui apresentamos a proposta e intervenção pedagógica que traz o cordel como instrumento motivador das práticas de leitura e escrita poética, visando envolver os educandos num processo de ensino mais dinâmico. Nas próximas linhas descrevemos os materiais a serem utilizados nas 10 etapas previstas para esta proposta que, como já mencionado na Introdução, foi elaborada conforme a Resolução Nº 003/2020 do PROFLETRAS que define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso, quanto ao contexto de pandemia. A proposta não foi aplicada mas poderá ser desenvolvida em qualquer etapa do Ensino Fundamental, podendo ter adaptações de acordo com a turma qual acontecerá sua aplicação.

2.1 SELEÇÃO DOS MATERIAIS

Para o desenvolvimento das atividades descritas na proposta, selecionamos textos em cordel de autores clássicos e populares, mas, cada professor poderá substituir por outros que possam atender aos objetivos traçados e que sejam de interesse da turma. Os cordéis devem ser levados à sala de aula em formato impresso, em vídeos de animação, documentários, além de áudios.

Diante do exposto, os materiais impressos que selecionamos são: “Viagem a São Saruê” de Manoel Camilo dos Santos (**ANEXO A**), “Redes sociais” de Bráulio Bessa (**ANEXO B**), “A lei Maria da Penha em cordel” de Tião Simpatia (**ANEXO C**), “A peleja da covardia com a senhora educação” de Isaac Luna e Inácio Feitosa (**ANEXO D**), “Uma violência chamada *bullying*” de Eva Graça Brito (**ANEXO E**), “A peleja do aluno preguiçoso com o estudioso” de Manoel Belizário (**ANEXO F**); e o livro “A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora” de Bráulio Tavares. Em vídeos trazemos: “Literatura de cordel – Cultura brasileira”²⁷, “A lei Maria da Penha em cordel” de Tião Simpatia²⁸, “A peleja da covardia

²⁷ Exibido no programa Globo Rural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>.

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=amDKAT4Hjhl>.

com a senhora educação” de Isaac Luna e Inácio Feitosa²⁹, “O matuto no cinema” de Jessier Quirino³⁰. E os áudios são “Viagem a São Saruê” de Manoel Camilo dos Santos³¹, “Literatura de cordel” de Francisco Diniz³², “Redes sociais” de Bráulio Bessa³³, “Peleja de Romano e Inácio da Catingueira” de João Martins de Athayde³⁴.

Os cordéis foram escolhidos pela temática, visando uma discussão sobre as relações interpessoais, propiciando aos educandos manifestar suas percepções sobre o texto e trocar opiniões a respeito da intenção dos autores, pois, como afirma Kleiman (2016, p.36) “é durante a conversa sobre os aspectos do texto que o leitor compreende o texto” e ao compreender possibilita-se dialogar sobre as suas experiências.

2.2 ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA³⁵

Esta proposta de intervenção visa atender o principal objetivo da disciplina de Língua Portuguesa que é formar alunos proficientes em leitura e escrita por meio de linguagens diversas (BRASIL, 2017). Para isso utilizamos como base, em sua construção, as ideias de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Assim, ressaltamos que as 5 primeiras etapas: **I – Sensibilização poética; II – Redescobrimo o cordel; III – O ritmo do cordel; IV – Praticando peleja na escola e V – Oficina de cordel**, correspondem à “apresentação da situação” e “a primeira produção” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Os denominados “módulos” e “produção final”, conforme os autores, estão alternados nas etapas subsequentes: **VI – Cordelizando ideias e emoções; VII – Composição poética discente; VIII – Estampando ideias: xilogravura, infogravura e isogravura; IX – Idealizando o varal cordelístico; X – Cordelizações finais**. A seguir descrevemos as etapas.

Etapa I – Sensibilização poética

Duração: 4 aulas

Objetivo: socializar conhecimentos sobre o cordel, reconhecendo-o como elemento cultural.

29 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VaVMe_B3uUo.

30 A animação do causo O matuto no cinema de Jessier Quirino por Rebecca Agra e Marcus Hora não é um texto em cordel, mas será utilizada para que os alunos observem as imagens em movimento que se assemelham a técnica de xilogravura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wamnabxSnKM>.

31 Declamado pela poetisa Arly Arnaud. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O2iZE_FTAA.

32 Disponível em: <http://www.projetocordel.com.br/literaturadecordel.php>.

33 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f1cNmeU4f5w>.

34 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G8O9Fc7LiHs>.

35 Na aplicação da proposta pode ser dado um tempo entre uma etapa e outra, desde que não seja prolongado para não perder o ritmo das oficinas.

Materiais: cordel *Viagem a São Saruê* de Manoel Camilo dos Santos, livretos de cordel, bexigas, *datashow*, *notebook*, caneta, papel, cola, barbante, cartaz, piloto permanente, mural.

1º Momento

Para essa etapa, as carteiras devem estar em círculo, com alguns livretos de cordel pendurados pela sala. O docente deve entrar na sala recitando³⁶ algumas estrofes do cordel *Viagem a São Saruê* de Manoel Camilo dos Santos (**ANEXO A**), utilizando, se possível, algum instrumento musical. Posteriormente, o docente deve entregar aos alunos tarjetas para que eles anotem o que sabem sobre a literatura de cordel e após a exposição oral das anotações estas serão coladas num cartaz contendo o título “O que sei”.

2º Momento

O docente deve distribuir, para a turma, cópia impressa do cordel declamado para que seja realizada uma leitura coletiva. Em seguida, colocar o áudio do cordel para que os alunos acompanhem a declamação feita por Arly Arnaud, expondo, em seguida, a biografia da poetisa e do autor do cordel por meio de *slides* ou cartaz. Após este momento deve ser iniciada uma roda de conversa sobre o texto apresentado, explorando-o oralmente com perguntas como as apresentadas a seguir:

- a) Este texto é escrito em verso ou em prosa?
- b) Como costumamos chamar os textos escritos com este formato?
- c) Como você define poesia? E cordel?
- d) Existem rimas neste texto? Quais versos têm a mesma terminação sonora?
- e) Como o autor define o país São Saruê?
- f) Qual estrofe chamou mais a sua atenção? Por quê?
- g) Você acha possível existir um lugar assim?
- h) Das características de São Saruê, qual mais te impressionou?
- i) Qual/ quais palavra (s) do texto lhe são estranhas? É possível estabelecer um significado para elas com a leitura?

36 Para auxiliar na declamação o docente pode assistir a alguns vídeos como o da poetisa Arly Arnaud: https://www.youtube.com/watch?v=_O2iZE_FTAA

3º Momento

Aqui deve ser solicitado aos alunos que fiquem em círculo (em pé). Na sequência deve ser entregue a cada um deles uma bexiga e um pedaço de papel, para que pensem numa palavra e a escreva no papel; em seguida devem dobrar e colocar o papel escrito dentro da bexiga recebida, enchendo-a e depois a bexiga deve ser lançada ao ar por alguns minutos, sem deixá-la cair ao chão. Ao findar o tempo determinado cada aluno deve segurar uma bexiga e se organizar em trio, estourar as bexigas para observarem as palavras. Então, deve ser solicitado que escrevam outra palavra que combine sonoramente com as palavras encontradas.

Finalizada esta interação, o professor, com o apoio de *slides*, deve apresentar o conceito de cordel, estrofe, verso e rima aos alunos que devem observar se as palavras que escreveram rimam umas com as outras e retornar ao texto para verificação quanto à estrutura (quantidade de estrofes e versos), presença de rimas (versos que rimam entre si), terminação e classificação gramatical das palavras que compõem a rima³⁷.

4º Momento

Deve ser iniciada pelo docente uma conversa sobre a proposta de intervenção pedagógica, seus objetivos, duração e exposição final, abrindo espaço para que os alunos deixem suas sugestões para a culminância do trabalho na etapa final. Após a conversa, a sugestão é instruir os alunos para que criem duas estrofes com seis versos cada, utilizando as palavras que escreveram no início desta atividade e realizar, ao final, a leitura desses versos que devem ser fixados no mural.

Etapa II – Redescobrimo o cordel

Duração: 4 aulas

Objetivo: conhecer a história da literatura de cordel, apresentando alguns cordelistas brasileiros.

Materiais: áudio do texto *Literatura de cordel* de Francisco Diniz, cartazes com imagens/fotos de cordelistas e trechos de seus cordéis escritos, vídeo *Literatura de cordel- cultura brasileira*, cópia escrita e áudio do cordel *Redes sociais* de Bráulio Bessa, *notebook*, *datashow*, caixa de som, papel metro, piloto permanente.

37 Vale ressaltar que no cordel a classificação gramatical das palavras utilizadas para compor as rimas constitui o que se define como rimas ricas e pobres. As rimas ricas são formadas por palavras de classes gramaticais diferentes e as rimas pobres por palavras da mesma formação gramatical.

1º Momento

Para essa etapa, as carteiras devem se encontrar em círculos, de forma que propicie a circulação de todos, e na sala deve haver cartazes com imagens de alguns cordelistas antigos e contemporâneos com legendas e versos de um dos seus cordéis. Inicialmente o áudio do texto *Literatura de Cordel*³⁸ de Francisco Diniz deve ser tocado e simultaneamente deve ser solicitado aos alunos que circulem pela sala e observem as imagens lendo as legendas contidas nelas. Após a observação devem voltar a seus lugares. Aqui destacamos as imagens dos cordelistas Leandro Gomes de Barros, Bráulio Bessa, Bráulio Tavares, Elton Magalhães, Tião Simpatia e Manoel Camilo dos Santos, além dos cordelistas da região Suely Valeriano e Manoel Neto; outros cordelistas podem ser utilizados neste momento.

Os alunos, então, serão questionados se conhecem ou já ouviram falar de algumas das pessoas representadas nas imagens. Após as respostas, os cordelistas devem ser apresentados à turma. Nesse momento, o professor pode solicitar, como atividade extraclasse, que busquem informações sobre outros cordelistas e tragam na próxima aula juntamente com alguns títulos de cordéis escritos pelos autores pesquisados. Também deve ser pedido que, em equipes, construam cartazes – que ficarão expostos na última etapa desta proposta – sobre esses cordelistas. Em seguida, alguns alunos devem ser convidados para realizar a leitura dos trechos dos cordéis expostos.

2º Momento

Aqui, o docente deve ler as informações no cartaz intitulado “O que sei”, preenchido na etapa anterior, verificando com os discentes a necessidade de acrescentar, modificar ou retirar alguma das informações com base no que ouviram até o momento sobre o cordel.

3º Momento

Deve ocorrer a exibição do vídeo *Literatura de cordel- cultura brasileira*³⁹. Após a exibição do vídeo, as atenções devem ser voltadas às informações no cartaz, verificando se as anotações iniciais condizem com o que foi informado pelo vídeo. O docente deve perguntar aos discentes quais informações novas sobre cordel eles apreenderam e escrever estas informações num cartaz intitulado “o que descobri”.

38 Idem nota de rodapé 33 na página 47

39 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>.

4º Momento

Deve ser distribuída, aos alunos, a cópia do texto em cordel *Redes sociais* de Bráulio Bessa (**ANEXO B**), para que se realize uma leitura silenciosa, em seguida, o professor deve levantar questionamentos em relação ao tema abordado, iniciando uma discussão sobre os comportamentos humanos destacados pelo autor no texto. Por último, deve ser realizada uma leitura acompanhando o áudio do cordel e, então, finalizar com a leitura coletiva do texto em forma de jogral.

Etapa III – O ritmo do cordel

Duração: 4 aulas

Objetivo: interagir com as formas de divulgação de cordel.

Materiais: vídeos e cópias impressas dos cordéis *A lei Maria da Penha em cordel* de Tião simpatia e *A peleja da covardia com a senhora educação* de Isaac Luna e Inácio Feitosa, cópias impressas do cordel *Uma violência chamada bullying* de Eva Graça Brito, *datashow*, caixa de som, *internet*, *notebook*, papel metro, cola, piloto permanente, durex colorido.

1º Momento

Aqui o professor deve iniciar dialogando sobre a Literatura de cordel para rever os conceitos apresentados na etapa anterior, montando, em seguida, um painel coletivo para que sejam expostas as anotações da pesquisa extraclasse realizada.

2º Momento

A turma deve ser dividida em dois grupos que receberão cópias impressas dos cordéis *A lei Maria da Penha em cordel* de Tião simpatia (**ANEXO C**) e *A peleja da covardia com a senhora educação* de Isaac Luna e Inácio Feitosa (**ANEXO D**). Cada grupo receberá um dos títulos e deve realizar a leitura silenciosa do texto recebido para que ao final da leitura apresente o tema do cordel por meio de mímica para que o outro grupo tente adivinhá-lo.

Após cada apresentação mímica, o vídeo do cordel representado será exibido para que os grupos comentem as situações sociais expostas e depois abordem a forma como os cordéis foram apresentados nos vídeos.

3º Momento

O professor deve apresentar o *site* da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC)⁴⁰, realizando um passeio virtual pelo *site*, apresentando a história dessa academia, os cordelistas, alguns cordéis expostos na página, e informações significantes sobre o cordel. Na impossibilidade de *internet*, devem ser preparados, com antecedência, um vídeo ou *slides* com *prints* das páginas do *site*.

4º Momento

Entregar para os alunos cópia impressa do cordel *Uma violência chamada bullying*, de Eva Graça Brito (ANEXO E) para que observem a quantidade de versos em cada estrofe e os versos que rimam e tentem identificar o tipo de versificação com base no que foi apresentado no *site da ABLC*. Então, deve ser aberta uma breve discussão sobre o texto, em seguida os alunos devem observar os versos que elaboraram na 1ª etapa em relação ao formato em sextilha. Para encerrar esta etapa a turma pode realizar uma leitura coletiva do texto de Eva Graça Brito.

Etapa IV – Praticando peleja na escola

Duração: 4 aulas

Objetivo: compreender a estrutura e o ritmo da peleja, considerando o contexto histórico e social representado no referido texto.

Materiais: áudio do cordel *Peleja de Romano e Inácio da Catingueira* de João Martins de Athayde, cópia impressa do cordel *A peleja do aluno preguiçoso com o estudioso* de Manoel Belizário, *notebook*, *datashow*, caixa de som, caderno, caneta.

1º Momento

A sala deve estar com as cadeiras em círculo e as imagens dos cordéis das etapas anteriores expostas na parede. O docente deve apresentar aos alunos o áudio do cordel *Peleja de Romano e Inácio da Catingueira*⁴¹, chamando a atenção para o diálogo de disputa presente no cordel conceituando-o como peleja; ao mesmo tempo sugerimos abrir uma discussão sobre o enredo apresentado, considerando o contexto histórico dos personagens.

40 Conheça mais em: <http://www.ablc.com.br/>

41 Narração feita por João Carlos Spíndola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G8O9Fc7LiHs>.

2º Momento

Os alunos devem formar grupos que deverão receber a cópia do cordel *A peleja do aluno preguiçoso com o estudioso* para que realizarem uma leitura em peleja. Deve ser dado um tempo para que os alunos se organizem na leitura e após a apresentação dos grupos, realizar uma breve discussão sobre os temas dos cordéis e sobre as atitudes dos personagens.

3º Momento

O docente falará sobre a presença do cordelista que estará na próxima etapa auxiliando os alunos na produção de seus primeiros versos de cordel. A turma deve ser estimulada, com informações sobre o convidado, realizando leitura de um dos seus textos, e sobre curiosidades da literatura de cordel. Então os alunos devem ser redistribuídos em grupos menores para que elaborem 3 perguntas a serem feitas ao convidado. Nesse momento de elaboração o professor deve orientar a turma para que os questionamentos sejam sobre o ofício de cordelista e sobre o texto poético de cordel.

4º Momento

Os grupos devem expor as questões elaboradas, que poderão sofrer intervenção da turma. Após definida as questões para o convidado, deve ser recomendado que os grupos escolham um porta-voz para fazer perguntas ao cordelista convidado.

Etapa V – Cordelizações iniciais

Duração: 4 aulas

Objetivo: experienciar o contato com o cordelista e seus textos a fim de estimular os alunos na produção de cordéis.

Materiais: cordéis do autor convidado, caderno, caneta, lápis.

1º Momento

O encontro pode acontecer em um espaço amplo como a área externa da escola ou num auditório ou até mesmo na própria sala de aula. O docente deve apresentar o convidado, (para nossa proposta convidamos o professor e cordelista Manoel Neto, mas cada docente poderá escolher o cordelista que tiver acesso), aos alunos e deixá-lo à vontade para iniciar um diálogo com a turma sobre o cordel, sua experiência como cordelista e sua motivação para a escolha desta literatura.

2º Momento

Espaço destinado para o bate-papo de perguntas e respostas após a explanação do cordelista.

3º Momento

O cordelista realizará a oficina de produção de cordéis que poderá ser em grupo ou individual (a critério do cordelista em acordo com os alunos).

4º Momento

Aqui deve ser dada continuidade ao processo de produção e finalização dos trabalhos e fazer os agradecimentos ao convidado.

Etapa VI – Cordelizando ideias e emoções

Duração: 4 aulas

Objetivo: produzir cordel com temas cotidianos escolares.

Materiais: cópia do livro *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora* de Bráulio Tavares, imagens da escola e de situações vivenciadas neste espaço, *datashow*, *notebook*, caixa de som, dicionários.

1º Momento

Os alunos devem sentar-se em círculos para o diálogo com o docente sobre a experiência anterior com o cordelista. O professor deve anotar as considerações dos alunos sobre o momento vivenciado.

2º Momento

O professor deve indagar aos alunos se eles acreditam que o cordel pode ter como função chamar a atenção para algo que acontece em nossa sociedade. Depois os alunos devem sentar-se em duplas para receberem uma cópia do livro *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*. O professor deve questionar sobre o título e colher suposições sobre o enredo. Em seguida deve ser realizada uma leitura partilhada e, posteriormente, os alunos devem ser estimulados a fazerem comentários sobre o título, o tema, a estrutura do texto e sobre a narrativa exposta no cordel, evidenciado, ainda, as características, ações e motivações dos personagens.

3º Momento

Aqui a sugestão é que se apresente *slides* com imagens da escola: espaços, recursos, alunos e funcionários em momento de intervalo e em participação nos projetos desenvolvidos na escola. E nesse momento os alunos devem ser provocados a escreverem numa cartolina previamente colada na parede, uma palavra que represente a sensação despertada ao observarem as imagens. Os alunos poderão falar sobre a escolha da palavra escrita, destacando os pontos positivos e negativos dos momentos vivenciados e observados nas imagens.

4º Momento

Os alunos devem ser orientados a criar, individualmente, estrofes de cordel, em sextilha, com base nas impressões que tiveram ao observar as imagens anteriores.

Com o auxílio do professor durante a escrita, podem produzir cordéis sérios ou cômicos com uma temática que deve chamar a atenção para a conservação e cuidados com a escola ou tratar da ausência de recursos essenciais no espaço de ensino ou apenas, narrar fatos do cotidiano escolar. Dicionários devem ficar à disposição dos alunos para esta tarefa. Como o processo de escrita geralmente demanda de maior tempo, esta atividade deve ser concluída em outro momento.

Etapa VII – Composição poética discente

Duração: 4 aulas

Objetivo: ler e revisar as produções em cordel estabelecendo relações entre as estrofes.

Materiais: textos produzidos pelos alunos, tabela informativa, dicionários.

1º Momento

Nesta etapa os alunos continuam a escrita de seus versos, realizando revisão e a marcação em sextilha, em que cada estrofe é formada de seis versos e cada verso deve ter sete sílabas poéticas com rimas nos versos pares. Durante a escrita o docente deve circular pela sala auxiliando os alunos e chamando a atenção para a temática e percepção das palavras quanto às regras ortográficas e de acentuação.

2º Momento

Ao findar a escrita das estrofes o professor deve solicitar que os alunos leiam seus versos em silêncio e façam modificações que considerem convenientes. Após essa ação o

professor deve entregar uma anotação impressa (**ANEXO G**), para cada um, que possa auxiliá-los na marcação dos versos em sextilha. Será necessário estabelecer um tempo para essa atividade.

3º Momento

Os alunos devem realizar uma autocorreção de suas produções. Nesse momento o professor deve circular pela sala observando os escritos e auxiliando-os para que possam identificar suas dificuldades. O docente também poderá intervir, caso necessário, orientando para que façam as adequações, chamando a atenção de forma geral para que todos recebam as orientações. Durante o processo o professor deve realizar anotações dos progressos e ao final da atividade pode solicitar que os alunos transcrevam o texto para uma folha de papel A4.

4º Momento

Será solicitada a leitura dos textos produzidos e durante a leitura os alunos devem observar quais cordéis escritos pelos colegas se aproximam da temática do seu, assim, após as leituras, deverão destacar as semelhanças percebidas nos textos dos colegas em relação ao seu; no que diz respeito ao desenvolvimento da temática.

Etapa VIII – Estampando ideias: xilogravura, infogravura e isogravura

Duração: 4 aulas

Objetivo: conhecer técnicas de ilustração de cordel e construir isogravura e/ou infogravura.

Materiais: cordéis produzidos pelos alunos, imagens representativas de xilogravuras, animação *O matuto no cinema*⁴² de Jessier Quirino, *datashow*, *notebook*, celular, tinta preta, pincel, placas de isopor, cartolina.

1º Momento

Para esta etapa devem ser expostas imagens representativas de xilogravuras retiradas da *internet*. As carteiras devem ser organizadas de forma que possibilitem a circulação dos alunos, que deverão observar as imagens e, após um tempo determinado, voltar a seus lugares. Quando todos estiverem sentados, deve ser aberto um círculo de discussão no qual os discentes serão questionados se já conhecem esse tipo de ilustração e se é possível contar uma

42 A animação será utilizada nesta etapa para observação das imagens em movimento, no entanto, não será vedada a discussão sobre a temática apresentada, caso parta da iniciativa dos alunos. A animação está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wamnabxSnKM>.

história poética com a sequência dessas imagens, então, deve ser iniciada, oralmente, uma história com as sequências de imagens de forma alternada pelos alunos, ou seja, um continuando a história de onde o outro parou.

2º Momento

Deve ser exposta a animação *O matuto no cinema* e iniciada uma conversa sobre o vídeo, deixando que os alunos falem livremente sobre o conteúdo apresentado e, então, devem ser questionados quanto a semelhanças entre as imagens do vídeo e das imagens expostas na sala.

3º Momento

Serão expostos *slides* com os conceitos e exemplos de xilogravura, isogravura e infogravura. Em seguida, será feita a distribuição de placas de isopor e tinta preta entre os alunos para que façam desenhos em uma cartolina com a temática do texto produzido por eles na etapa VII, utilizando a técnica da isogravura. O professor deve ficar atento ao processo para que possa auxiliar os alunos na organização do cartaz.

4º Momento

Nesse momento o professor solicita a um aluno que faça um desenho que deve ser fotografado com um celular e aplicado filtro para que as imagens escureçam de modo a se aproximar da técnica de infogravura (outros alunos que tenham o aparelho também poderão experimentar a técnica), podendo ilustrar seus textos com uma dessas técnicas.

Etapa IX – Idealizando o varal cordelístico

Duração: 4 aulas

Objetivo: recitar cordéis observando volume, timbre, pausa e ritmo e, paralelamente, organizar a exposição literária, considerando cenário, figurino e materiais.

Materiais: cordéis produzidos pelos alunos, figuras, lápis de cor, papel A4 colorido, tinta preta, pincel, placas de isopor, impressora, cordel *A peleja do aluno preguiçoso com o estudioso*⁴³ de Manoel Belizário, dicionário, microfone, caixa de som.

43 O texto *A peleja do aluno preguiçoso com o estudioso* foi colocado aqui como sugestão para ser apresentado pelos alunos pela quantidade de estrofes que possibilita a leitura por uma quantidade maior de alunos, no entanto poderá ser utilizado outro texto indicado por eles.

1º Momento

O docente deve auxiliar os alunos na revisão e reescrita dos textos, inclusive dos cordéis produzidos na oficina com o cordelista convidado. Os alunos podem inserir as imagens criadas em infogravura ou isogravura, a fim de construir livretos.

2º Momento

Nesse momento deve ser realizado um ensaio da leitura dos cordéis produzidos nas etapas e outros cordéis clássicos e contemporâneos que devem ser apresentados na exposição final. Também deve ser organizada, para a culminância, a apresentação do texto *A peleja do aluno preguiçoso com o aluno estudioso*. O professor deve auxiliar os alunos nos ajustes finais e ensaios das suas apresentações.

3º Momento

Os alunos devem ser distribuídos em grupos para que se revezem na organização do espaço e na montagem de uma barraca literária onde ficarão expostos os livretos, o mural, o painel, as pesquisas e os textos produzidos e trabalhados nas etapas deste projeto. Parte deste material também deverá ser distribuída pelo espaço da escola.

4º Momento

Devem ser definidas, juntamente com os alunos, as ordens das apresentações, assim como também, estabelecer quais alunos deverão se caracterizar como antigos vendedores de cordéis⁴⁴, que vendiam de porta em porta levando folhetos em malas e/ou atuais cordelistas que divulgam seus trabalhos em feiras, praças e eventos literários e, também, como personagens simbólicos das temáticas dos cordéis, como Lampião, Padre Cícero e João Grilo. Deve ser definido, também, o aluno que fará o registro fotográfico da exposição, que posteriormente deve ser postado no *Facebook* e/ou *Instagram* da escola, exposto num painel na área escolar ou, ainda, podem compor um *e-book* contendo os textos produzidos.

Etapa X – Cordelizações finais

Duração: 4 aulas

Objetivo: compartilhar as produções, descobertas e experiências em cordel com a comunidade escolar.

44 Nem sempre os vendedores de cordéis eram também cordelistas, geralmente eram pessoas contratadas por esses para vender e divulgar os cordéis em outras localidades (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p.23).

Materiais: folhetos de cordel, cordéis produzidos pelos alunos, cordão, *datashow*, *notebook*, caixa de som, microfone, instrumentos musicais como pandeiro, chocalho ou triângulo, toldo, arame, cartazes com o conteúdo das pesquisas realizadas, fotos, painel, mural, câmera fotográfica ou celular e convidados cordelistas e repentistas.

1º Momento

Nessa etapa acontecerá o recital dos cordéis trabalhados, pesquisados e produzidos pelos alunos e deve contar com a presença da comunidade escolar e de convidados cordelistas e/ou repentistas. Inicialmente serão dadas as boas-vindas ao público, discorrendo brevemente sobre o percurso realizado, com *slides* exibindo fotos das etapas e produções dos alunos.

2º Momento

As apresentações devem ser iniciadas, com os alunos que “cantarão” ou recitarão os cordéis ensaiados, com ou sem o uso de instrumentos. Entre as apresentações dos alunos será dado espaço para que o convidado cordelista/repentista também recite seus cordéis e repentes.

Durante as apresentações o público poderá visitar a “Barraca literária” onde os livretos, folhetos e livros de cordéis devem ser expostos.

3º Momento

Deve ser aberto um espaço para que os alunos, que queiram, façam comentários sobre as experiências em cada etapa e suas aprendizagens poéticas. Para finalizar, deve-se agradecer a todos, pela participação no evento escolar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre escrita
Na educação escolar
São tantas as dificuldades
Que podemos encontrar
Igualmente na leitura
Propomos solucionar.
(Valmira Almeida⁴⁵)

Sabemos o quanto é desafiante envolvermos alguns alunos em atividades de leitura e escrita, especificamente ao se propor a leitura de textos literários, quando a maioria dos alunos não tem contato com estes textos e os que possuem algum contato não realizam constantemente este tipo de leitura. Por isso, ao pensar na elaboração da proposta de intervenção pedagógica, escolhemos a literatura de cordel como objeto para o desenvolvimento dessa dissertação, pelo fato da referida literatura fazer parte do nosso contexto nordestino e, de certa forma, favorecer o pertencimento e o aprendizado dos escolares tanto em instituição de ensino aqui na Bahia quanto de outros estados, de forma dinâmica e prazerosa.

Pertencimento é um vínculo afetivo que surge no indivíduo quando este se sente parte do ambiente que está inserido. Surge do verbo pertencer que em seu sentido é ato de fazer parte (de) ou de ser relativo (a), segundo o dicionário Caldas Aulete (2011). Nesse sentido, consideramos que quanto mais afetiva for a relação do aluno com a escola, ele terá maior envolvimento nas atividades e projetos, realizando-os com entusiasmo, vendo sentido no tipo de ensino que está inserido e se posicionando como um ser ativo nesse processo de aprendizagem. Daí a importância do espaço escolar ter um caráter acolhedor para que o aluno se sinta pertencente a um ambiente que também lhe pertence, adquirindo a segurança necessária para criar e compartilhar suas descobertas, vivenciar experiências e emoções e consequentemente ampliar seus conhecimentos.

Assim, ao desenvolver um trabalho com cordel faz-se necessário despertar no alunado esse sentimento de pertencimento também em relação a esta literatura popular, através de atividades direcionadas que contribuam para a consciência histórica e construção da identidade cultural, de modo que reconheçam o cordel como parte de nossa cultura.

E quanto à avaliação? Pensamos a avaliação como um instrumento do processo na realização de cada etapa, verificando quanto ao alcance dos objetivos traçados, de modo a seguir ou modificar a etapa posterior, sempre visando à melhoria da produção discente para a

45 Os versos foram elaborados para fins ilustrativos desta seção.

culminância. Portanto, nossas observações não devem ser direcionadas apenas ao ato de produção, mas também, às relações interpessoais, à capacidade de desenvolvimento do trabalho em grupo e à valorização do empenho de cada um na realização das etapas.

Aqui encerramos, lembrando as caixas propostas por Alves (2018), a caixa de ferramenta e a de brinquedo, que pelo cordel se unam essas ferramentas que nos fazem pensar e os brinquedos que nos divertem e nos emocionam; ambas utilizadas em um único momento e importantes no processo do ensino e da aprendizagem. Agora, professor/professora, o/a convidamos a aplicar esta proposta em suas turmas para visando ampliar os horizontes da aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ALMEIDA, Valmira dos Santos; REIS, Josenilto Andrade. A donzela das tranças de mel. **Revista Pandora Brasil**. Organização: Priscila P. Fiorindo e Elton Magalhães. ed.109, p. 12-16. ISSN 2175-3318. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao109.htm. Acesso em: 11/11/ 2020.
- ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- ANTUNES, Celso. **Vygotsky, quem diria?!**: Em minha sala de aula: Fascículo 12. Petrópolis: Vozes, 2002.
- AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- AZEREDO, José Carlos de. **A linguística, o texto e o ensino da língua**. São Paulo: Parábola, 2018.
- BAHIA. **Avaliação nacional**. Disponível em: http://escolas.educacao.ba.gov.br/avaliacao_nacional. Acesso em 19/02/2021.
- BELIZÁRIO, Manoel. **A peleja do aluno preguiçoso com o estudioso**. Disponível em: www.projetocordel.com.br. Acesso em: 08/05/2019.
- BESSA, Bráulio. Redes sociais. In: BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.p.45.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Relatório do 3º ciclo de monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação – 2020**. Brasília: Inep, 2020. 572 p. Disponível em: http://inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6975827. Acesso em: 23/08/2020
- BRASIL. Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País**. Brasília: senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm. Acesso em: 11/06/2020.
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE**. Brasília: Presidência da República. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 10/02/2020.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental. Linguagens – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 04/04/2019.

BRASIL. Projeto de Lei n.º 9.484, de 2018. **Dispõe sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares.** Que altera a Lei 12.244/10. Brasília: Câmara dos Deputados. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=8BAEBD8A672AFB0E045D4946F969EB44.proposicoesWebExterno1?codteor=1641422&filename=Avulso+-PL+9484/2018. Acesso em: 11/06/2020

BRITO, Eva Graça. **Uma violência chamada bullying.** Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias-do-social/5694834>. Acesso em: 20/09/2020.

CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CAVIGNAC, Julie Antoinette. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil: Da história escrita à narrativa oral.** Tradução: Nelson Patriota. Natal, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **O professor como educador: um resgate necessário e urgente.** Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães, 2001.

DINIZ, Francisco (org.). **O aquecimento global.** Folheto n.60. João Pessoa, 2007.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento, *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (trad. e org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino, *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (trad. e org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FEITOSA, Inácio; LUNA, Isaac. **A peleja da covardia com a senhora educação.** Disponível em: <http://culturanordestina.blogspot.com/2010/12/conheca-o-cordel-sobre-bullying-que.html>. Acesso em 20/08/2020.

FIORINDO, Priscila Peixinho. Ler e escrever. **Jornal A tarde.** Salvador: p. A7, jan. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. Prática de leitura na escola. *In*: GERALDI, João Wanderley (org); ALMEIDA, Milton José de [et al]. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2011a.

GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de Português. *In*: GERALDI, João Wanderley (org); ALMEIDA, Milton José de [et al]. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2011b.

Globo Rural. **Literatura de cordel** – Cultura brasileira. (44min). Exibido em: 02/01/ 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>. Acesso em: 16/05/2019

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da literatura de cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular- CNFCP. **Dossiê de registro: Literatura de Cordel**. Brasília, 2018.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 16. ed. Campinas: Pontes Editores, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KRYSINSK, Vladimir. Sobre algumas genealogias e formas do hibridismo nas literaturas do século XX. Tradução: Zênia de Farias. **Revista Criação & Crítica**, [S. l.], n 9, p.230-241, 2012. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v5i9p230-241. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46876>. Acesso em: 09/01/ 2021.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições Adaga. São Paulo: Editora Luzeiro, 2012.

MAGALHÃES, Elton. **Tem gente querendo separar o Nordeste do resto do Brasil**. Disponível em: <http://oxe.insix.com.br/>. Acesso em: 30/01/2021.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MONTEIRO, Manoel. **A cigarra e a formiga: uma fábula educativa e atual**. Disponível em: <http://www.cordelendo.com>. Acesso em: 22/06/2020.

MONTEIRO, Manoel. **Chapeuzinho vermelho: versão versajeda**. Disponível em: <http://www.cordelendo.com>. Acesso em: 22/06/2020.

NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza **Letramento literário e cordel: o ensino de literatura por um novo olhar**. Curitiba: Appris, 2020. Edição do Kindle.

NETO, Manoel. Maria e João: um caminho para boa alimentação. **Revista Pandora Brasil**. Organização: Priscila P. Fiorindo e Elton Magalhães. Ed. 109, p. 8-12. ISSN 2175-3318. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao109.htm. Acesso em: 30/ 01/2021.

OBEID, César. **Desafios de cordel**. Material de divulgação PNLD. 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2018, p.10-18.

QUEIROZ, Antônio. **Galope na beira do mar**. Disponível em: <http://oxe.insix.com.br/>. Acesso em: 30/01/2021.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. Tradução: Manoel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

ROSA, Sonia. **Entre textos e efeitos: formando leitores dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Malê. 2017.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & Cia**. 7. ed. 5ª impressão. São Paulo: Ática, 2003.

SANTOS, Manoel Camilo dos. Viagem a São Saruê. *In*: MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.p.74-80.

SENA, Beatriz. Gêneros literários. *In*: MAGALHÃES, Elton (org.). **Sala de versos e rimas**. Salvador: Vento Leste, 2019.

SIMPATIA, Tião. **A lei Maria da Penha em cordel**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aK8-WRehLBI>. Acesso em: 04/07/2019.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento para além dos métodos. **Revista Pátio**. n. 85. p. 19-20, fev./abr. 2018.

TAVARES, Bráulio. **A pedra do meio dia ou Artur e Isadora**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Educação já: Uma proposta suprapartidária de estratégia para a Educação Básica brasileira e prioridades para o Governo Federal em 2019-2022** - Versão para debate. 3 ed. Dez/2018. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/170.pdf>. Acesso em 14/02/2020

VIANA, Arievaldo. Cordel: da feira à sala de aula. *In*: Literatura de Cordel e Escola. **Salto para o Futuro**. ISSN 1982 – 0283, Ano XX Boletim 16 – Out. 2010. p. 20-24.

VICENTE, Zé. **A greve dos bichos**. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/a-greve-dos-bichos/>. Acesso em: 22/06/2020.

ANEXO A – Viagem a São Saruê

Manoel Camilo dos Santos

I

Doutor mestre pensamento
me disse um dia: -Você
Camilo vá visitar
o país São Saruê
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.

II

Eu que desde pequenino
sempre ouvia falar
nesse tal São Saruê
destinei-me a viajar
com ordem do pensamento
fui conhecer o lugar.

III

Iniciei a viagem
as quatro da madrugada
tomei o carro da brisa
passei pela alvorada
junto do quebrar da barra
eu vi a aurora abismada.

IV

Pela aragem matutina
eu avistei bem defronte
a irmã da linda aurora
que se banhava na fonte
já o sol vinha espargindo
no além do horizonte.

V

Surgiu o dia risonho
na primavera imponente
as horas passavam lentas
o espaço incandescente
transformava a brisa mansa
em um mormaço dolente.

VI

Passei do carro da brisa
para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins do horizonte
senti do dia o cansaço.

VII

Enquanto a tarde caía
entre mistério e segredos
a viração docilmente
afagava os arvoredos
os últimos raios de sol
bordavam os altos penedos.

VIII

Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia
deixei o mormaço e passei
pro carro da neve fria
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia.

IX

Ao surgir da nova aurora
senti o carro pairar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar
o mar revolto banhando
as dumas da beira mar.

X

Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.

XI

Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: - São Saruê
é este lugar aqui.

XII

Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
uma gente alegre e forte
um povo civilizado
bom, tratável e benfazejo

por todos fui abraçado.

XIII

O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro a vontade.

XIV

Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de prata
fechaduras de “rubim”
as telhas folhas de ouro
e o piso de sitim.

XV

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada.

XVI

As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim per diante
existe grande fartura.

XVII

Feijão lá nasce no mato
maduro e já cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despolpado
perú nasce de escôva
sem comer vive cevado.

XVIII

Galinha põe todo o dia
invés de ovos é capão
o trigo invés de sementes
bota cachadas de pão
manteiga lá cai das nuvens
fazendo ruma no chão.

XIX

Os peixes lá são tão mansos
com o povo acostumados
saem do mar vem pras casas
são grandes, gordos e cevados
é só pegar e comer
pois todos vivem guisados.

XX

Tudo lá e bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar.

XXI

Maniva lá não se planta
nasce e invés de mandioca
bota cachos de beijú
e palmas de tapioca
milho a espiga é pamonha
e o pendão é pipoca.

XXII

As canas em São Saruê
não tem bagaço (é gozado)
umas são canos de mel
outras açúcar refinado
as folhas são cinturão
de pelica e bem cromado.

XXIII

Lá os pés de casimira
brim, borracha e tropical
de naycron, belga e linho
e o famoso diagonal
já bota as roupas prontas
proprias para o pessoal.

XXIV

Os pés de chapéus de massa
são tão grandes e carregados
os de sapatos da moda
têm cada cachos “aloprados”
os pés de meias de sêda
chega vive “escangalhados”.

XXV

Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar atenção
os cachos de notas grandes
chega arrastam pelo chão
as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão.

XXVI

Os pés de notas de mil
carregam chega encapota
pode tirar-se a vontade
quanto mais tira mais bota
além dos cachos que tem
casca e folha tudo é nota.

XXVII

Lá quando nasce menino
não dar trabalho a criar
já é falando e já sabe
ler, escrever e contar
salta, corre, canta e faz
tudo quanto se mandar.

XXVIII

Lá não se ver mulher feia
e toda moça é formosa
bem educada e decente
bem trajada e amistosa
é qual um jardim de fadas
repleto de cravo e rosa.

XXIX

Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho a vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

XXX

É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
bem satisfeito e gozando
prazer, saúde, alegrias
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias.

XXXI

Lá existe tudo quanto é beleza
tudo quanto é bom, belo bonito
parece um lugar santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza:
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promessa
para onde Moisés e Aarão
conduziam o povo de Israel,
onde dizem que corriam leite e mel
e caía manjar do céu no chão.

XXXII

Tudo lá é festa e harmonia
amor, paz, benquerer, felicidade
descanso, sossego e amizade
prazer, tranquilidade e alegria;
na véspera de eu sair naquele dia
um discurso poético, lá eu fiz,
me deram a mandado de um juiz
um anel de brilhante e de “rubim”
no qual um letreiro diz assim:
- é feliz quem visita este país.

XXXIII

Vou terminar avisando
a qualquer um amiguinho
que quizer ir para lá
posso ensinar o caminho
porém só ensino a quem
me comprar um folhetinho.

XI

Tem grupos de todo tipo,
Todo tipo de conversa
Com assuntos importantes
E outros, nem interessa.
Mas tem uma garantia:
Receber durante o dia
Um cordel do Bráulio Bessa.

XII

E se você receber
Esse singelo cordel
Que eu escrevi à mão
Num pedaço de papel,
Que tem um tom de humor
Mas no fundo é um clamor
Lhe pedindo pra viver.
Viva a vida e o real,
Pois a curta final
Ninguém consegue prever.

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.p.45

ANEXO C – A Lei Maria da Penha em cordel

Tião Simpatia

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã
Pra que a mulher de hoje
Não seja uma vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.

IV

Tá no artigo primeiro
Que a lei visa coibir;
A violência doméstica
Como também, prevenir;
Com medidas protetivas
E ao agressor, punir.

V

Já o artigo segundo
Desta lei especial
Independente de classe
Nível educacional
De raça, de etnia;
E opção sexual...

VI

De cultura e de idade
De renda e religião
Todas gozam dos direitos
Sim, todas! sem exceção
Que estão assegurados
Pela constituição.

VII

E que direitos são esses?
Eis aqui a relação:
À vida, à segurança.
Também à alimentação
À cultura e à justiça
À saúde e à educação.

VIII

Além da cidadania
Também à dignidade
Ainda tem moradia
E o direito à liberdade.
Só tem direitos nos “as”,
E nos “os”, não tem novidade?

IX

Tem! tem direito ao esporte
Ao trabalho e ao lazer
E o acesso à política
Pro brasil desenvolver
E tantos outros direitos
Que não dá tempo dizer.

X

E a Lei Maria da Penha
Cobre todos esses planos?
Ah, já estão assegurados
Pelos direitos humanos.
A lei é mais um recurso
Pra corrigir outros danos.

XI

Por exemplo: a mulher
Antes da lei existir,
Apanhava e a justiça
Não tinha como punir
Ele voltava pra casa
E tornava a agredir.

XII

Com a lei é diferente
É crime inaceitável
Se bater, vai pra cadeia.
Agressão é intolerável.
O estado protege a vítima
Depois pune o responsável.

XIII

Tapas, socos, empurrões;
Beliscões e pontapés
Arranhões, puxões de orelha;
Seja um, ou sejam dez
Tudo é violência física
E causam dores cruéis.

XIV

Segundo o artigo sétimo
Os tipos de violência
Doméstica e familiar
Têm na sua abrangência
As cinco categorias
Que descrevo na sequência.

XV

A primeira é a física
Entendendo como tal:
Qualquer conduta ofensiva
De modo irracional
Que fira a integridade
E a saúde corporal...

XVI

Vamos ao segundo tipo
Que é a psicológica
Esta merece atenção
Mais didática e pedagógica
Com a autoestima baixa
Toda a vida perde a lógica...

XVII

Chantagem, humilhação;
Insultos; constrangimento;
São danos que interferem
No seu desenvolvimento
Baixando a autoestima
E aumentando o sofrimento.

XVIII

Violência sexual:
Dá-se pela coação
Ou uso da força física
Causando intimidação
E obrigando a mulher
Ao ato da relação...

XIX

Qualquer ação que impeça
Esta mulher de usar
Método contraceptivo
Ou para engravidar
Seu direito está na lei
Basta só reivindicar.

XX

A quarta categoria
É a patrimonial:
Retenção, subtração,
Destruição parcial
Ou total de seus pertences
Culmina em ação penal...

XXI

Instrumentos de trabalho
Documentos pessoais
Ou recursos econômicos
Além de outras coisas mais
Tudo isso configura
Em danos materiais.

XXII

A quinta categoria
É violência moral
São os crimes contra a honra
Está no código penal
Injúria, difamação;
Calúnia, etc. e tal.

XXIII

Segundo o artigo quinto
Esses tipos de violência
Dão-se em diversos âmbitos
Porém é na residência
Que a violência doméstica
Tem sua maior incidência.

XXIV

E quem pode ser enquadrado
Como agente/agressor?
Marido ou companheiro
Namorado ou ex-amor
No caso de uma doméstica
Pode ser o empregador.

XXV

Se por acaso o irmão
 Agredir a sua irmã
 O filho, agredir a mãe;
 Seja nova ou anciã
 É violência doméstica
 São membros do mesmo clã.

XXVI

E se acaso for o homem
 Que da mulher apanhar?
 É violência doméstica?
 Você pode me explicar?
 Tudo pode acontecer
 No âmbito familiar!

XXVII

Nesse caso é diferente;
 A lei é bastante clara:
 Por ser uma questão de gênero
 Somente à mulher, ampara.
 Se a mulher for valente
 O homem que livre a cara.

XXVIII

E procure seus direitos
 Da forma que lhe convenha
 Se o sujeito aprontou
 E a mulher desceu-lhe a lenha
 Recorra ao código penal
 Não à Lei Maria da Penha.

XXIX

Agora, num caso lésbico;
 Se no qual a companheira
 Oferecer qualquer risco

À vida de sua parceira
 A agressora é punida;
 Pois a lei não dá boeira.

XXX

Para que os seus direitos
 Estejam assegurados
 A Lei Maria da Penha
 Também cria os juizados
 De violência doméstica
 Para todos os estados.

XXXI

Aí, cabe aos governantes
 De cada federação
 Destinarem os recursos
 Para implementação
 Da Lei Maria da Penha
 Em prol da população.

XXXII

Espero ter sido útil
 Neste cordel que criei
 Para informar o povo
 Sobre a importância da lei
 Pois quem agride uma rainha
 Não merece ser um rei

XXXIII

Dizia o velho ditado
 Que “ninguém mete a colher”.
 Em briga de namorado
 Ou de “marido e mulher”
 Não metia... agora, mete!
 Pois isso agora reflete
 No mundo que a gente quer.

ANEXO D – A peleja da covardia com a senhora educação

Isaac Luna e Inácio Feitosa

I

Esse cordel tão modesto
Mas feito com consciência
Pretende sintetizar
Com clareza e eficiência
O significado de *bullying*
Como assédio ou violência

II

O *bullying* pode ocorrer
No ambiente de emprego
No parque ou no futebol
Causando desassossego
Espalhando a discórdia
A violência e o medo

III

Tem também o *cyberbullying*
Que ocorre no *Orkut*
Nos sites da *internet*
No *twitter* ou *facebook*
Qualquer um pode ser vítima
Seja pobre, rico ou *Cult*

IV

Até mesmo na escola
Lugar de cidadania
Do respeito às diferenças
Palco da democracia
Há o *bullying* escolar
Uma tremenda covardia

V

Isso mesmo meu amigo
Se atualize sem demora
Preste muita atenção
Ao que vou dizer agora
O *bullying* também ocorre
No chão das nossas escolas!

VI

E é sobre esse último caso
Que agora vou falar
A terrível violência
Que vive a nos rodear
Principalmente a que ocorre
No ambiente escolar

VII

A discriminação é a base
Do assédio praticado
Com o intuito de humilhar
O sujeito atacado
Constranger ou meter medo
Pra deixá lo acuado

VIII

Também há o preconceito
Como chave desse mal
Seja ele de estética
Ou de classe social
De racismo deslavado
Ou de escolha sexual

IX

Apelidos humilhantes
Xingamentos raciais
Palavrões e ameaças
Atitudes imorais
Esses são alguns exemplos
Mais existe muito mais...

X

O importante é entender
Que *bullying* é covardia
É o ato do valentão
Praticado dia a dia
Contra aquele que é mais fraco
Ou que está em minoria

XI

A violência se apresenta
De maneira variada
Pode ser psicológica
Quase sempre com piadas
Ou então pode ser física
Na base da cassetada

XII

O resultado é a dor
E o sofrimento da criança
O afastamento social
E a perda da esperança
Pra dar basta a essa moléstia

É preciso haver mudança

XIII

Pensando nisso educadores
Preocupados com a questão
Reunidos em debate
Da Confraria da Educação
Propuseram uma lei
Pra regulamentar a questão

XIV

A Assembleia Legislativa
Do Estado de Pernambuco
Recebeu esse projeto
E depois de muito estudo
Aprovou a nova lei
Pra acabar com esse absurdo

XV

Com a Lei 13.995 de 2009
Qualquer um pode fazer
Uma denúncia contra o *bullying*
Na polícia ou na OAB
A um promotor de justiça
Também dito MP

XVI

Mas é bom não esquecer
Que é uma lei estadual
E é preciso unir forças
Pra torná-la federal
Aprovando o seu texto
no Congresso Nacional

XVII

O *bullying* é uma vergonha
É pura contradição
É a derrota da escola
Da universidade e da nação
Diante da prepotência
Do covarde valentão

XVIII

Por isso é preciso haver
Grande mobilização
Pra não se fazer vista grossa
A essa situação
Enfraquecendo o valor
Da real educação

XIX

O professor é responsável
O coordenador também
Os pais e os alunos
Todo mundo e mais alguém
No combate contra o *bullying*
Não se isenta seu ninguém

XX

A OAB de Pernambuco
E a Confraria da Educação
De mãos dadas com a sociedade
Ao *bullying* dizem não
Em respeito à cidadania
E aos direitos do cidadão.

Disponível em: <http://culturanordestina.blogspot.com/2010/12/conheca-o-cordel-sobre-bullying-que.html>.

Acesso em: 20/08/2020

ANEXO E – Uma violência chamada *bullying*

Eva Graça Brito

I

Escolas do meu Brasil,
vamos nos mobilizar
contra algo perigoso
que é o *bullying* escolar,
pois isso é um crime sério,
em todo e qualquer lugar.

II

Nestes versos pela paz,
aqui venho registrar,
minha indignação,
sobre o *bullying* escolar
e aconselhar a todos
para esse mal evitar.

III

O *bullying* é uma violência
muito comum nesse meio,
uma vez, que o colégio,
de estudantes está cheio
e essa prática é mais frequente
no horário do recreio.

IV

O *bullying* também ocorre
em diferentes ambientes,
sem motivos que justifiquem
atitudes indecentes,
levando tormento e dor
à vida de muita gente.

V

A palavra *bullying* tem
sua origem no inglês,
remete a valentão,
na tradução para o português,
mas nós podemos dizer
que o *bullying* é estupidez.

VI

Também podemos dizer,
que *bullying* é covardia,
prejudica o ser humano,
trazendo muita agonia,
contra aquele que é mais fraco
ou que está em minoria.

VII

O *bullying* pode ocorrer
de maneira variada
e a ofensa às vezes vem,
como uma simples piada,
nesse caso é psicológica
a violência praticada.

VIII

O chamado *cyberbullyng*,
na internet acontece
no *twitter, insta e face*
ofensas de toda espécie,
e o pior é que na rede,
o xingamento só cresce.

IX

Apelidos humilhantes,
que machucam e causam dor,
ferem a alma de quem sofre,
mas dá prazer ao agressor,
isso é chocante demais,
pior que filme de terror.

X

Excluir é outra forma,
também de se maltratar,
é uma face do *bullying*,
que devemos nos lembrar,
para evitarmos fazer isso,
no ambiente escolar.

XI

Cada ser é diferente
e deve ser respeitado,
o *bullying* causa transtorno,
deixa o coração machucado,
e ninguém nessa vida
merece ser rejeitado.

XII

Todo ser tem seu valor
e os status são diversificados,
por ser alto, baixo, magro, gordo, etc
ninguém deve ser insultado,
pois é insano demais,

deixar o outro humilhado.

XIII

Queremos uma escola harmoniosa
todos os educandos ordeiros,
uma direção comprometida,
e um corpo docente parceiro,
para que o terrível *bullying*
não encontre paradeiro.

XIV

Nenhum de nós quer o peso
de ver outro alguém sofrer,
somos pessoas do bem,
respeitamos pra valer,
por isso o *bullying* entre nós,
nunca há de florescer!

XV

O *bullying* não terá vez,
pois a escola vai se engajar,
procurando a todo instante,
bons valores disseminar
e somente o que é bom,
com todos compartilhar.

XVI

Sinceramente eu espero
que todos possam entender:
basta ter uma mente aberta,
para o *bullying* combater
e que unindo nossas forças
a paz vai prevalecer.

Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias-do-social/5694834>. Acesso em: 20/08/2020

ANEXO F – A peleja do aluno preguiçoso com o estudioso

Manoel Belizário

I

Ofereço este cordel
Ao aluno esforçado,
Ao aluno preguiçoso,
Conversador ou calado
Em nome de toda classe
De nosso professorado.

II

Então eu irei narrar
Um duelo interessante
Deu-se em Mata Redonda
Com dois jovens estudantes.
Um não estudava nada
Outro estudava bastante.

III

Chico Tripa era um aluno
Que vivia a estudar
Brincava, jogava bola
Mas na hora de parar
Já ia pegando os livros
Pras tarefas aprontar.

IV

Zé de Peba do contrário
Era um menino teimoso
Na escrita era péssimo
Também lia temeroso
Só que o seu problema era
Ser um grande preguiçoso.

V

Zé de Peba tinha raiva
Por Chico Tripa viver
Lendo livros na escola
E gostar de escrever.
Certo dia no recreio
Resolveu seu saco encher

VI

ZÉ DE PEBA
Olha só quem vem aí,
Expressou bem radiante, -
Esse vai é endoidar
Lendo livros nas estantes.
Papa-livro, olho de lupa,

Biblioteca ambulante.

VII

CHICO TRIPA
Melhor ser biblioteca
Do que viver sem ser nada,
Que nem você que possui
A cabeça esvaziada,
Ou melhor, cheia de coisa:
Porcaria, bobeirada.

VIII

ZÉ DE PEBA
Cheleléu de professor,
Desses que são bem folgados,
Por isso é que você vive
Em tudo sendo aprovado.
Eu como não sou assim
Só tiro zero, coitado.

IX

CHICO TRIPA
Eu passo porque estudo
Ninguém vivo a chaleirar,
Agora você devia
Vergonha na cara criar
E em suas horas vagas
Tirar tempo pra estudar.

X

ZÉ DE PEBA
Colega você não venha
Me dar lição de moral,
Eu não tiro nota boa
Não porque eu seja mal,
É que em vez de estudar
Eu toco meu berimbau.

XI

CHICO TRIPA
Tocar berimbau meu caro
Não bota uma nota só
No diário, assim como
jogar bola ou dominó.
Estudar em tempo vago.
Esse é meu borogodó.

XII

ZÉ DE PEBA

Você é um papa-livros,
Isso sim meu camarada.
Perde seu tempo estudando
Toda essa besteirada
Você quer que eu fique louco
Com tanta coisa estudada?

XIII

CHICO TRIPA

Meu amigo estudar
Já faz parte do viver.
Hoje ou você estuda
Ou quando você crescer,
Nunca vai ter um emprego
Ou talvez o que comer.

XIV

ZÉ DE PEBA

Não me venha com conversa,
Pois eu conheço pessoas
Que nunca pegaram em lápis
E hoje vivem numa boa
E até possuem casas
Nas praias de João Pessoa.

XV

CHICO TRIPA

Mas hoje em dia é difícil
De esse fato acontecer.
Nos tempos de antigamente
Não se exigia o saber.
Hoje os meios de trabalho
Exigem mais de você.

XVI

ZÉ DE PEBA

Eu não penso em trabalhar
Pai e mãe quem me sustenta.
Por isso vivo a brincar
Minha mente não se atenta
Com negócio de estudo
Não sei como “tu aguenta.”

XVII

CHICO TRIPA

Às vezes tenho preguiça,
Mas ela não me domina,
Pois penso no meu futuro

E é isso que me anima.

Um dia serei doutor.

Essa será minha sina.

XVIII

ZÉ DE PEBA

Penso em ser advogado,
Mas a preguiça é meu forte.
Eu nunca estudo uma prova,
Acho que não tenho sorte.
Faz seis anos que estudo
E nem sei onde é o norte.

XIX

CHICO TRIPA

Você precisa é pensar
No futuro de sua vida.
Um dia vai se casar
E vai ter que dar comida
À sua mulher e filhos
E aí qual a saída?

XX

ZÉ DE PEBA

Você tá é me enrolando
Com conversa descabida,
Mas acho que tens razão
Tenho que pensar na vida.
Tirar tempo pra estudar
Aí está a saída.

XXI

CHICO TRIPA

Se quiseres captar
Um pouco desse aprendiz.
Vá amanhã lá em casa
A tarefa ainda não fiz.
Aí a gente faz junto,
O que você acha? Diz?

XXII

ZÉ DE PEBA

Espera, eu estou pensando:
Dou-te a resposta agora.
Amanhã bem à tardinha
Eu jogo conversa fora,
E aí depois eu venho
E a gente estuda uma hora.

XXIII

CHICO TRIPA

Uma hora é bastante
Para quem quer aprender.
Faça como eu estude,
Mas estude pra valer
E aí as suas notas
Vão ser dez, você vai ver.

XXIV

Estudantes sempre busquem
Seguir em tom esforçado.
Tarefa bem resolvida
Um prévio bom resultado.
Desejem ver a vitória.
Ajudem o menos dotado.
Nunca excluam um colega,
Tenha todos do seu lado
E só assim vocês todos
Serão o nosso legado.

Disponível em: www.projetocordel.com.br. Acesso em: 08/05/2019.

ANEXO G – Metrificação do cordel⁴⁶

Estilo 1 - A Sextilha

Estilo muito popular na Literatura de Cordel. Um dos mais fáceis. Cada estrofe é formada de seis versos e cada verso deve ter sete Sílabas Poéticas (Heptassílabos).

Distribuição de Rimas: X A X A X A – (Os versos 1, 3 e 5 não precisam rimar. Os versos 2, 4 e 6 rimam entre si).

Exemplo:

Sem a Metrificação

Não se pode ter Poesia.

É ela quem vai ditar

O andar da melodia

O verso fica bonito,

Com ritmo e com harmonia!

SEM A ME TRI FI CA ÇÃO = 7 SP

NÃO SE PO DE TER POÊ SI (a) = 7 SP

É E LA QUEM VAI DI TAR= 7 SP

O AN DAR DA ME LO DÍ (a) = 7 SP

O VER SO FI CA BO NI (to) = 7 SP

COM RIT MOE COM HAR MO NI (a) = 7 SP

46 Material completo disponível em:
http://www.ifs.edu.br/images/arquivos/Biblioteca/CURSO_DE_METRIFICA%C3%87%C3%83O-CORDEL.pdf. Acesso em: 28/09/2020.

ANEXO H – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LITERATURA DE CORDEL EM CENA: POETIZANDO LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NA ESCOLA

Pesquisador: Valmira dos Santos Almeida

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 27093019.3.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

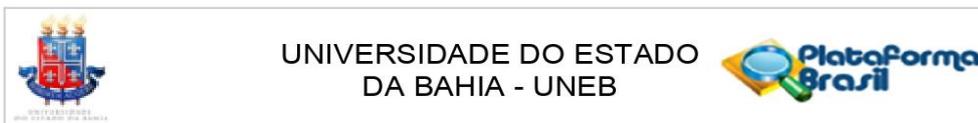
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.928.430

Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado LITERATURA DE CORDEL EM CENA: POETIZANDO LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NA ESCOLA, da pesquisadora Valmira dos Santos Almeida, é uma proposta de intervenção “Literatura de cordel em cena: poetizando leitura, escrita e oralidade na escola”, tem por finalidade estimular atividades de leitura e escrita poética discente através de um trabalho envolvendo leitura além da decodificação, para que os alunos consigam perceber o texto, enquanto mensagem significativa, ampliando os conhecimentos de mundo linguístico e discursivo dos educandos. A aplicação será em 10 etapas com alunos da turma 1 do 8º ano da Escola Municipal do Areal, localizada no município de Valença-Bahia. Partimos de observações diretas, para levantar informações a respeito da leitura e escrita dos alunos da turma participante. O levantamento foi realizado durante as aulas de Língua Portuguesa mediante atividades de classe e extraclasse. Também foi aplicado um questionário sociocultural com os alunos envolvidos. O questionário com 14 questões teve como objetivo colher informações sobre as atividades socioculturais e a verificação de hábitos de leitura destes alunos. A intenção com o desenvolvimento deste projeto, que tem os textos poéticos de cordel como instrumento motivador, é a melhoria do grau de leitura e escrita desses 28 alunos participantes, que estarão cursando o 8º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal do Areal.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.928.430

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Possibilitar o desenvolvimento da leitura, da escrita e da oralidade por meio dos textos em cordel.

Objetivo Secundário:

Aproximar os poemas em cordel à realidade dos aprendizes na escola;

Ampliar os repertórios linguístico e discursivo dos educandos a partir das leituras e produção de textos poéticos de cordel em atividades individual e em grupo;

Direcionar um olhar crítico sobre a realidade apresentada nos textos poéticos de cordel, refletindo sobre o seu próprio contexto social.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão assim apresentados:

Riscos:

Exposição de imagem;Constrangimentos;Não participação de todos os envolvidos em algumas das etapas por questões diversas.

Benefícios:

Favorecer a ampliação da autonomia intelectual dos alunos;Favorecer a interação e a cooperação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa atual e relevante para o contexto educacional

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados em consonancia

Recomendações:

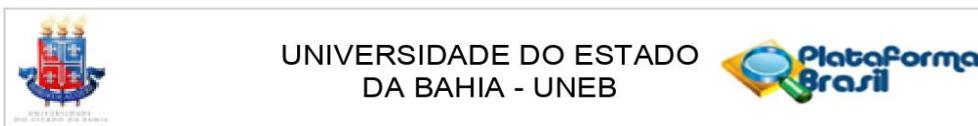
Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final.

Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a avaliação ética com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.928.430

da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

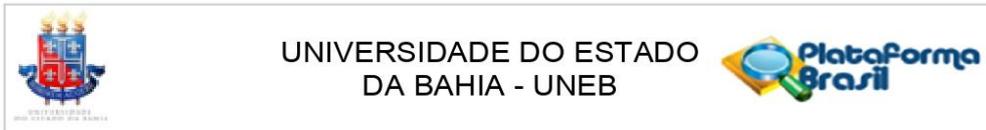
Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1480958.pdf	12/12/2019 12:25:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_esclarecido_TCLE.pdf	12/12/2019 12:24:29	Valmira dos Santos Almeida	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_confidencialidade.pdf	12/12/2019 12:21:40	Valmira dos Santos Almeida	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_concordancia_com_o_desenvolvimento_do_projeto.pdf	12/12/2019 12:19:29	Valmira dos Santos Almeida	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Literatura_de_cordel_em_cena.pdf	09/12/2019 22:34:30	Valmira dos Santos Almeida	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO.pdf	09/12/2019 17:38:43	Valmira dos Santos Almeida	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_autorizacao_intitucional_da_coparticipante.pdf	09/12/2019 17:37:48	Valmira dos Santos Almeida	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_autorizacao_da_proponente.pdf	09/12/2019 17:34:05	Valmira dos Santos Almeida	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso.pdf	09/12/2019 17:32:39	Valmira dos Santos Almeida	Aceito
Outros	Questionario_aos_discentes.pdf	06/12/2019 11:35:26	Valmira dos Santos Almeida	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	06/12/2019	Valmira dos Santos Almeida	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB

Continuação do Parecer: 3.928.430

Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	09:20:44	Almeida	Aceito
----------------	--------------------	----------	---------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 23 de Março de 2020

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br